

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ESTHER DE SOUZA ALFERINO

**RELIGIÃO E POLÍTICA: A TRAJETÓRIA DE SILAS MALAFAIA NOS  
CAMPOS RELIGIOSOS E POLÍTICO BRASILEIROS.**

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ  
NOVEMBRO, 2020

ESTHER DE SOUZA ALFERINO

**RELIGIÃO E POLÍTICA: A TRAJETÓRIA DE SILAS MALAFAIA NOS CAMPOS  
RELIGIOSO E POLÍTICO BRASILEIROS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Campo de Confluência: Sociologia da Religião

ORIENTADOR:  
Prof. Dr. Paulo Rodrigues Gajanigo

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ  
NOVEMBRO, 2020

## FICHA CATALOGRÁFICA

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pelo autor.

Alferino, Esther de Souza.

Religião e Política: a trajetória do pastor Silas Malafaia nos campos religioso e político brasileiros / Esther de Souza Alferino. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2020.

85 f. : il..

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2020.

Orientador: Paulo Rodrigues Gajanigo.

1. Religião. 2. Política. 3. Silas Malafaia. 4. Crente-Cidadão. 5. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320

Dedico este trabalho aos meus pais,  
Silane e Eliel, que, desde o dia em que  
eu nasci se sacrificam em um mundo  
injusto e desigual para que minha  
trajetória possa seguir um curso  
diferente.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado aos meus pais, e não poderia começar os agradecimentos se não por eles. Pai, mãe, sem vocês nada disso seria possível. Obrigada por cada sonho meu que vocês alimentaram, por cada vez que acreditaram mais em mim do que eu mesma, por cada vez que pediram a Deus para me guardar, por cada pedido de socorro atendido, e por me darem uma irmã, alguém que seria pra sempre minha companheira. Obrigada, Raquel, minha irmã, pela certeza de nunca estar sozinha, porque você existe e compartilha comigo toda uma vida. Obrigada por ter chegado logo, por não ter me deixado mais que um ano e dois meses sem ser sua irmã mais velha, porque sem você eu não sei quem eu seria. Obrigada por ter me dado de presente o amor da minha vida. Vítor, a titia te ama mais do que sabe explicar, a titia quer que o mundo todo seja seu, meu amor, e que esse mundo não seja feio, que seja um mundo tão lindo quanto o seu sorriso aberto quando me vê. Ser sua tia foi a melhor coisa que já me aconteceu. Em tudo isto sou grata a Deus, por ter me dado mais do que eu poderia imaginar.

Obrigada à minha família, não aos parentes, à minha família, que se importa comigo, e me ama, apesar de eu ser quem sou. Em especial Alessandra, Amanda e Nickolas, que não me deixam nunca, mesmo nos dias ruins.

Obrigada aos meus amigos, e quero sim destacar alguns, sem medo de ser injusta com os demais. Carol, Carine, Malu, Jaira, Haroldo, Laíza, Catharina e Luís Cláudio, no último ano vocês estiveram comigo em um momento nebuloso e incerto, e só eu sei o que significou pra mim o apoio de vocês, seus nomes têm que ficar gravados aqui pra sempre.

À minha turma de mestrado, por todas as trocas, por todo o companheirismo, e por sermos a prova de que a cooperação é maior que a concorrência.

Ao meu orientador, não sei se um dia serei capaz de agradecer tanta paciência, empatia e parceria. Eu sempre soube que você era a escolha certa, Paulo, e o decorrer dessa trajetória provou que não errei.

Agradeço ao PPGSP/UENF por essa incrível oportunidade, a todos os professores com quem tive o prazer e a honra de encontrar nesse caminho desde a graduação até aqui, muito obrigada. À CAPES e ao ensino público, por tornarem meu sonho possível.

Obrigada a Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Haddad, muito obrigada pelo Reuni, ele mudou minha vida.

Por fim, quero agradecer à psicanálise, à psiquiatria e às mentes brilhantes que desenvolveram recursos para que possamos lidar com o sofrimento psíquico.

*Acabou! Acaboooouuuuuu! É  
tetra! É tetraaaaaaa! É  
tetraaaaaa!  
Galvão Bueno.*

## **RESUMO**

Esta dissertação de mestrado se propõe a analisar a trajetória do pastor e conferencista Silas Malafaia, e sua circulação nos campos religioso e político brasileiros, sua atuação no mundo secular, o alcance de seu discurso e seu comprometimento com uma agenda política conservadora baseada em preceitos bíblicos. Para isto serão usados conceitos clássicos da Sociologia de Max Weber e Pierre Bourdieu, bem como a revisão bibliográfica de trabalhos produzidos nas áreas da Sociologia da Religião e das Ciências da Religião, que se debruçam não apenas sobre a vida de Malafaia, mas também sobre o pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil, o televangelismo, e seus desdobramentos na esfera pública brasileira. Desta forma pretende-se contribuir para a compreensão, a partir do estudo de trajetória do pastor, da atuação do crente-cidadão, que deixa de lado o ascetismo e passa a atuar no mundo secular de forma proeminente, impondo valores morais religiosos à vida secular.

**Palavras-chave:** Religião; Política; Silas Malafaia; Crente-Cidadão.

## **ABSTRACT**

This master's dissertation proposes to analyze the trajectory of pastor and lecturer Silas Malafaia; and his circulation in the Brazilian religious and political fields, his performance in the secular world, the scope of his speech and his commitment to a conservative political agenda based on biblical precepts. For this, classic concepts from the Sociology of Max Weber and Pierre Bourdieu will be used, as well as the bibliographic review of works produced in the areas of Sociology of Religion and Sciences of Religion, which focus not only on the life of Malafaia, but also on Pentecostalism and neo-Pentecostalism in Brazil, televangelism, and its developments in the Brazilian public sphere. In this way, the intention is to contribute to the understanding, based on the study of the pastor's trajectory, of the role of the citizen-believer, who leaves aside asceticism and starts to act in the secular world prominently, imposing religious moral values on secular life .

**Keywords:** Religion; Politics; Silas Malafaia; Believer-Citizen.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – PENTECOSTALISMO À BRASILEIRA.....</b>	<b>17</b>
1.1 O espírito de Pentecostes .....	17
1.2 O protestantismo popular.....	21
1.3 Teologia da Prosperidade e autoajuda .....	25
<b>CAPÍTULO 2 – ESTUDO DE TRAJETÓRIA.....</b>	<b>34</b>
2.1 Silas Malafaia, uma trajetória.....	36
2.2 O pastor mais polêmico do Brasil.....	43
<b>CAPÍTULO 3 – “ACORDAMOS, SOMOS CIDADÃOS” .....</b>	<b>53</b>
3.1 Crente cidadão .....	58
3.2 Eleições 2018.....	66
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>79</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	23
Figura 2.....	27
Figura 3.....	27
Figura 4.....	33
Figura 5.....	41
Figura 6.....	43
Figura 7.....	46
Figura 8.....	47
Figura 9.....	52
Figura 10.....	67
Figura 11.....	70
Figura 12.....	70
Figura 13.....	72
Figura 14.....	74
Figura 15.....	75

## **LISTA DE SIGLAS**

AD – Assembleia de Deus

ADVEC – Assembleia de Deus Vitória em

Cristo AEVB – Associação Evangélica

Brasileira AVEC – Associação Vitória em

Cristo

CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

CONAMD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus

Madureira CNPB - Conselho Nacional de Pastores do Brasil

CP – Confissão

Positiva PF – Polícia

Federal

PL – Projeto de Lei

PT – Partido dos

Trabalhadores TP –

Teologia da Prosperidade

## INTRODUÇÃO

Ao se autodeclarar “o pastor mais polêmico do Brasil”, Silas Malafaia coloca a si mesmo em uma posição de relevância no debate público acerca de assuntos, que, a partir do título que ele dá a si, são polêmicos e extrapolam as questões religiosas. Esta dissertação, portanto, fará uma análise sociológica da atuação do pastor e conferencista, a partir de sua trajetória de vida, nos campos religioso e político brasileiros.

Por campo, compreende-se, a partir de Bourdieu (2019), o conjunto de forças, que são recursos formadores do que o autor chama de capitais, que estão em constante luta e que são determinados pelos *habitus* dos agentes. Os campos são compostos pelos capitais de seus agentes, portanto não é somente a classe social a que um indivíduo pertence, mas também os campos em que está inserido que interessam à análise. Dentro de um mesmo campo, diferentes agentes possuem diferentes capitais, por exemplo, um líder possui acúmulo de capital religioso maior, em relação a um fiel comum. A classe é um elemento importante, pois determina vários desses capitais que compõem os campos, mas dentro da mesma classe encontram-se *habitus* diferentes, como, por exemplo, no que concerne à religiosidade. Dentro de uma mesma classe social encontramos indivíduos com diferentes credos e práticas religiosas, que afetam diretamente suas ações, sua visão de mundo e sua postura diante da vida.

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência pelo monopólio dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2019, p. 57).

Com a detenção dos bens de salvação por instituições ou por indivíduos, líderes carismáticos, em religiões materializadas e estruturadas enquanto sistemas (DURKHEIM, 1996), é possível a criação de capital religioso, que, segundo Bourdieu (*idem*), necessita de um “aparelho de tipo burocrático [...] como por exemplo a Igreja” (p. 59) para se manter, se “conservar” e se “restaurar”. Dessa maneira, diferentes atores religiosos acumulam capital dentro do campo, e passam a competir entre si, em um “mercado oferecido a estes bens” (*ibidem*), os bens de salvação.

No campo religioso brasileiro, este trabalho destacará o seguimento evangélico pentecostal, e o chamado neopentecostal (MARIANO, 1999), onde Silas Malafaia está inserido, a princípio como parte do movimento pentecostal mais tradicional (FREESTON, 1993), e posteriormente, como será visto durante o desenvolvimento de sua trajetória, ao que Ricardo Mariano denominará como neopentecostalismo, aderindo à Teologia da Prosperidade (SOUZA, 2016; BRANDÃO, 2017). O pentecostalismo se distingue do protestantismo tradicional em alguns aspectos, e o mais importante deles é a crença nos dons do Espírito Santo, a glossolalia, os dons de cura, profecia (MARIANO, 1999; FREESTON, 1993; PIERUCCI, 2003).

Nesta análise, baseada na trajetória de um ator específico, o recorte temporal será determinado por sua atuação, com início na década de 1970, terminando no resultado das eleições presidenciais de 2018. Cabe ressaltar que a atuação de Malafaia não foi suspensa após os resultados das eleições, pelo contrário, continua ativa e influente, porém, para fins de análise, é necessário que se estabeleça tal limite para que se torne possível realizar a pesquisa pretendida.

Considerando o recorte de tempo já mencionado e a escolha do ator aqui analisado, parece importante revisitar o conceito weberiano de carisma (2009), uma forma de dominação legítima, baseada em características pessoais do líder e vista pelas demais pessoas como algo mágico, divino e acima da normalidade,

o termo “carisma” será entendido como referência a uma qualidade *extraordinária* de uma pessoa, prescindindo de que seja real, presumida ou suposta. Desse modo a “autoridade carismática” aludiria a um poder sobre os homens, quer seja primordialmente interno ou externo, ao qual se subordinam os governados em virtude de sua fé na qualidade excepcional da *pessoa* específica. [...] A legitimidade de sua autoridade funda-se na fé e na devoção pelo extraordinário, estimado na medida em que ultrapassa as qualidades humanas normais, e considerado originariamente como sobrenatural. A legitimidade do poder carismático funda-se, conseqüentemente, na fé em faculdades mágicas, revelações e culto ao herói. (WEBER, 2015, p. 40, 41)

As trajetórias individuais dos líderes pentecostais são muito valorizadas, tanto nos rituais de culto, quanto na venda de produtos que narram suas histórias de sucesso, e tais trajetórias passam a ser parte do carisma pessoal construído pelos líderes, a partir deles mesmos, e não dos símbolos sagrados. Os líderes e profetas adquirem autoridade dentro do campo religioso através do seu carisma, lançando mão de testemunhos pessoais, não apenas acerca de assuntos espirituais, mas também sobre seu sucesso financeiro e material, emocional e familiar; criando, assim, um vínculo com os fieis, que almejam alcançar os mesmos objetivos e também desejam adquirir legitimidade no campo religioso pentecostal.

Segundo Campos e Maurício Júnior (2013), as trajetórias pessoais costumam ser narradas nos meios pentecostais como carreiras profissionais, onde se começa de baixo para alcançar lugares altos, valorizando a vocação (dom), hierarquia e obediência, crescimento gradual e individual, com uso de linguagem de mercado, dando às trajetórias uma temática empreendedora. Desta forma, além de cursos, material gráfico e audiovisual para consumo dos fiéis, a circulação do carisma também se dá na interação ritual e na troca de energia emocional que acontece nos cultos. O líder passa a transmitir aos fiéis seu carisma, e cada fiel se torna um reprodutor de carisma, criando líderes carismáticos que, em muitos casos, se tornam celebridades, maiores que as próprias denominações. No decorrer deste trabalho, será possível constatar que Silas Malafaia é hoje uma das personalidades do meio pentecostal que estendeu sua relevância para além de sua denominação, e para além até mesmo do campo religioso, interferindo não somente na política partidária, com adesão declarada a campanhas políticas, mas também na política em sentido mais amplo que a política eleitoral, sendo importante e ativa voz acerca de pautas sociais que envolvem direitos civis de minorias, chegando a ser convidado a debater em audiências públicas no Senado e no Congresso Nacional.

Faz-se necessário discorrer brevemente sobre o entendimento de “espaço público” ou “esfera pública” aqui empregada. Para tal, recorre-se a Giumbelli, que analisa a presença de agentes religiosos no espaço público brasileiro:

Prefiro [...] adotar a expressão em sentido mais lato possível, percorrendo empiricamente as situações variadas que podem encarná-la. Isso permite apreender as formas históricas com que se constitui – ou se pressupõe – certo espaço de interação pública, sem desconsiderar a existência de assimetrias entre os elementos que o povoam e sem esquecer que sua produção envolve dimensões que podemos chamar de simbólicas. [...] Vê-se que não se pode problematizar o espaço público sem atentar para as condições dos atores que se localizam na sociedade; a noção, no entanto, coloca permanentemente em jogo a constituição e o papel do Estado. Estamos, assim, ainda às voltas com o argumento da secularização e suas expectativas para a relação entre religião e espaço público. (GIUMBELLI, 2008, p. 96, 97)

É no espaço público, onde a laicidade do Estado permitiu a separação do religioso e do secular, a partir da República, em que a Igreja Católica deixa de ser a religião de Estado; portanto, o Estado Nação é fundamental para a garantia do exercício das liberdades religiosas, “foi no interior da ordem jurídica encimada por um Estado comprometido com os princípios da laicidade que certas formas de presença da religião ocorreram.” (*idem*, p. 81). É fundamental para este trabalho refletir especificamente sobre o espaço público brasileiro, pois “se na Europa a laicidade foi fruto da pluralidade, ela foi, na América Latina, a condição para que pudesse

emergir uma diversidade não permitida antes.”. (EDITORIAL RELIGIÃO E SOCIEDADE, 2018, p. 10). O Editorial: “As encruzilhadas da laicidade na América Latina” acrescenta ainda que:

O Estado laico na América Latina fortaleceu-se com a chegada da democracia, pois esta contribuiu para a legitimidade cívico-secular dos regimes políticos. No entanto, no caso da região, a democracia supôs também uma maior participação dos grupos religiosos na vida política desses países. A pluralidade religiosa não veio sempre consolidar os Estados laicos, senão que, na maior parte dos casos, se inclinou à conformação de direito e de fato com modelos pluriconfessionais, nos quais as instituições políticas dependem cada vez mais da legitimidade proveniente de diversas igrejas ou associações religiosas. A razão principal desse fenômeno é que, na América Latina, as igrejas evangélicas, ao invés de advogar pela supressão de privilégios históricos da Igreja Católica, exigiram a sua garantia e manutenção. No contexto de frágeis e descontínuas democracias latino-americanas, os dirigentes políticos inclinaram-se quase que naturalmente para o modelo pluriconfessional. (*idem*, p. 11).

Com esse significado de laicidade, considerando que a laicidade toma diferentes formas e significados de acordo com o tempo e o espaço, situa-se o Brasil onde opera Silas Malafaia. Um Estado declaradamente laico desde a formação da República, onde privilégios da Igreja Católica foram mantidos e, em alguma medida, estendidos às igrejas evangélicas, que crescem não apenas em número de igrejas e membresia<sup>1</sup>, mas também em participação no espaço público. Isto não significa que as igrejas evangélicas, particularmente as pentecostais, tenham deixado de rivalizar com a Igreja Católica, pelo contrário, o próprio Malafaia dedica-se a criticar práticas católicas e condena o ecumenismo (MALAFAIA, 2018); porém, no que diz respeito a determinadas pautas morais, a bancada evangélica e seus defensores (Malafaia entre eles), se alinham aos católicos no que concerne aos direitos sexuais e reprodutivos, união igualitária, estudos com células-tronco, entre outros assuntos, que também incluem a defesa da não tributação dos templos<sup>2</sup>.

[...] a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo ocorrida em alguns países, não deveria ser vista como uma consequência necessária da laicidade ou como uma de suas expressões. Essa conquista resulta das lutas do movimento social que demandam políticas de distribuição e reconhecimento. [...] a demanda por laicidade como estratégia para questionar a influência das instituições e organizações religiosas nas políticas de sexualidade tem efeitos diferentes em países

<sup>1</sup> Ver: << <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>>> acesso em 22 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Ver: << <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/08/malafaia-no-es--antes-das-igrejas-tributem-partidos-e-sindicatos-1014093132.html>>> acesso em 22 de novembro de 2020.

latino-americanos de acordo com sua própria história, além de que o ativismo religioso antidireitos sexuais e reprodutivos se ergueu também como defensor dos direitos humanos e da moral e soberania de cada nação. (*idem*, p. 13)

Contudo, não é objetivo deste trabalho ater-se apenas à militância do ator aqui analisado no que concerne a tais pautas, mas analisar de maneira mais ampla sua atuação política e religiosa ao longo dos anos, o crescimento de sua relevância nos campos em que está inserido, para além simplesmente das pautas conservadoras a que se dedica.

Partindo dos argumentos e conceitos acima descritos, esta dissertação tem por objetivo analisar o trânsito feito pelo pastor Silas Malafaia entre os campos religioso e político no Brasil, por considerar seu papel de influência nas duas esferas importante para a compreensão das incursões religiosas de vertente pentecostal na política brasileira, e a atuação do sujeito pentecostal como “crente-cidadão” (MAURÍCIO JÚNIOR, 2019), exercendo papel ativo na vida secular. A influência da religião no campo religioso ocupa importante lugar nos estudos da Sociologia da Religião, bem como nas Ciências da Religião, e a forma como os atores religiosos perpassam pelos dois campos têm sido analisadas por muitos pesquisadores nos últimos anos. A escolha de Silas Malafaia como foco de pesquisa se dá pela compreensão de que sua atuação como pastor e como militante de pautas morais, são de grande relevância representativa da esfera política e da esfera religiosa brasileiras de maneira mais ampla. Apesar dos estudos já realizados sobre esse ator, sua trajetória não parece ter sido esgotada e demonstra potencial analítico dentro do contexto de crescimento expressivo da bancada evangélica no Congresso Nacional<sup>3</sup>, com pautas comuns, baseados em imperativos morais religiosos.

Isto posto, o primeiro capítulo se dedicará a uma revisão teórica sobre o protestantismo no Brasil, com foco específico nos pentecostais e neopentecostais, pois considera-se necessário situar o leitor da formação pessoal do ator aqui analisado, dentro da esfera nacional, com influências internacionais, que implicam diretamente nas escolhas feitas por Malafaia, como, por exemplo, o televangelismo.

O segundo capítulo se deterá mais enfaticamente à trajetória pessoal de Malafaia, na tentativa de demonstrar os caminhos percorridos para a construção do sujeito religioso, político, empresário e figura pública, além de versar sobre suas influências pessoais, sempre levando em conta o que acontecia no país, não apenas como pano de fundo, mas como circunstâncias aproveitadas pelo pastor para a construção de sua imagem.

<sup>3</sup> Ver: << [https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/colunas/reporter\\_brasilia/2019/09/703324-bancada-evangelica-triplicou.html](https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/colunas/reporter_brasilia/2019/09/703324-bancada-evangelica-triplicou.html)>> acesso em 22 de novembro de 2020

Por fim, o terceiro e último capítulo demonstrará as maiores mudanças nos paradigmas de Malafaia, como sua adesão à Teologia da Prosperidade e a sua atuação no espaço público a partir de então, bem como seu maior engajamento no ativismo moral conservador, defendendo pautas baseadas em preceitos bíblicos no debate secular, o uso extensivo das redes sociais, que aumentam seu alcance, e sua participação ativa em campanhas político partidárias, até o ano de 2018.

O sujeito aqui analisado é complexo, tem atuação ampla e diversificada, além de ser controverso e polêmico, segundo suas próprias palavras. Com isso, não se pretende dar conta de toda sua complexidade neste trabalho, mas objetiva-se contribuir para a reflexão sobre sua presença ativa e combativa em diversas frentes, despertando a atenção para o engajamento evangélico pentecostal no mundo secular, enquanto cidadãos, e de que maneira isto se reflete no campo político brasileiro de forma mais ampla. Ao olhar atentamente para a trajetória de tão importante ator, que articulou e ainda articula religião e política, este trabalho pretende contribuir para a compreensão de questões relativas à política brasileira contemporânea.

## **CAPÍTULO 1 - PENTECOSTALISMO À BRASILEIRA**

Antes de dar início à análise da trajetória do ator expandido nesta dissertação, Silas Malafaia, faz-se necessária a contextualização sócio-histórica do protestantismo no Brasil, em especial os protestantes pentecostais e os que autores da Sociologia da Religião brasileiros, como Ricardo Mariano (1999), por exemplo, passam a chamar de neopentecostais. Para tanto, além dos conceitos de Mariano, serão utilizados neste capítulo, conceitos de estudiosos brasileiros dessa área do conhecimento, que se dedicaram a compreender o cenário religioso brasileiro, mais precisamente os movimentos pentecostais e neopentecostais, bem como a Teologia da Prosperidade e a Teologia da Batalha Espiritual.

A partir da revisão bibliográfica de trabalhos já produzidos no Brasil acerca da expansão pentecostal e neopentecostal, é possível analisar de forma mais clara o surgimento de lideranças influentes, como Malafaia, e sua circulação nos campos religioso e político brasileiros; para tanto, é necessário compreender o contexto sócio-histórico do surgimento dessa vertente religiosa em um país de capitalismo periférico (ARENARI, 2015), com campo religioso e espiritual plurais (GIUMBELLI, 2004), com mazelas sociais específicas, que podem auxiliar a compreensão do que Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle (2011) irá chamar de “fenômeno da pentecostalização”, que, segundo ele, atinge todo o universo do cristianismo brasileiro, em menor ou maior grau, mesmo em igrejas protestante históricas e no catolicismo romano.

As próximas seções tratarão de refazer o caminho do pentecostalismo no Brasil, do neopentecostalismo, da Teologia da Prosperidade e Batalha Espiritual, das mudanças no cenário protestante brasileiro, a partir de influências externas e da adesão a movimentos globais; além de buscar compreender de que forma o “fenômeno da pentecostalização” encontra no país terreno fértil para o crescimento numérico expressivo de igrejas adeptas, além da influência nas demais vertentes cristãs.

### **1.1 - O espírito de Pentecostes**

Em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Max Weber (2013), afirma que uma das diferenças fundamentais entre o catolicismo e o cristianismo protestante que surgiu após a Reforma é a ausência de mediação entre Deus e o homem. Segundo ele, o cristão reformado não necessita mais do clero para confissão e expiação de seus pecados, tampouco da intercessão dos santos para a obtenção de bênçãos ou da própria salvação, pois a interpretação bíblica protestante compreende não haver necessidade de determinados instrumentos

simbólicos, já que o cristão passa a ter uma vida dedicada a honra de Deus, em cada uma de suas atitudes, mesmo na vida secular, visando a recompensa da vida eterna, cada uma das ações do cristão protestante deve ser, desse modo, para glorificar a Deus. Portanto, em constante busca pela santidade, o cristão protestante passa a ser menos dependente das instituições religiosas e das suas lideranças, flexibilizando a hierarquia que, na Igreja Católica, permanece quase intocada. A partir de uma espécie de democratização da leitura da Bíblia, os cristãos protestantes se afastam da tradição da oralidade, além de alcançarem suas próprias interpretações acerca das escrituras.

Ainda segundo Weber (2015), outra importante característica dos protestantes são o ascetismo e o sectarismo. Como povo escolhido e separado, a participação e envolvimento em questões políticas e populares não tinham relevância na busca pela salvação da alma após a morte. Weber enfatiza em sua obra a importância dada por Lutero ao sentido de “chamado”, em sua tradução da Bíblia do latim para o alemão, conota vocação, segundo o autor, absorvida pelas denominações protestantes e transposta para aspectos da vida mundana, como o trabalho.

O único modo de vida aceitável para Deus não era superar a moralidade mundana em seu ascetismo monástico, mas somente pelo cumprimento das obrigações impostas ao indivíduo por sua posição no mundo. Essa era sua vocação. (WEBER, 2013: p. 96).

Dessa forma, o trabalho mundano passa a ser uma forma de honrar a Deus no mundo, de glorificá-lo em todos os aspectos da vida, inclusive a cotidiana. Não é mais necessário o isolamento absoluto da vida terrena para ser um “separado”, um “escolhido”, pois um dos pilares da Reforma é a justificação moral da atividade mundana, dando, deste modo, acesso a todos os homens ao sagrado, e não somente àqueles que são dotados de alguma hierarquia eclesiástica.

Weber sinaliza que Lutero não é o criador do que ele irá chamar de “espírito do capitalismo” (p. 97), porém, afirma:

O efeito da Reforma como tal era que, se comparadas com a atitude católica, a ênfase moral sobre o trabalho realizado no âmbito mundano, enquanto vocação, e sua sanção religiosa haviam sido poderosamente intensificadas. As formas nas quais os conceitos de vocação, que expressava essa mudança, viria a se desenvolver mais tarde dependeria da evolução religiosa que se realizaria nas diferentes Igrejas Protestantes. (*ibidem*, p. 98, 99).

Com o aprofundamento da divisão do trabalho, a partir de marcos históricos como a Revolução Industrial, as denominações protestantes tornam-se importantes incentivadores da colaboração mútua fraterna, em que cada indivíduo cumpre seu chamado, sua vocação, trabalhando todos

uns para os outros.

Weber, enquanto teórico da modernidade, busca compreender os processos sociais que ocorreram, especialmente no Ocidente, para que o modo de vida capitalista se assentasse de forma tão profunda. Para tanto, ele busca comparações com a China e a Índia, que também passaram por mudanças, mas é no Ocidente que a nova forma de vida capitalista e moderna se expressa de maneira drástica, demonstrando o rompimento com valores da antiguidade de maneira mais profunda.

A instituição de um sistema de leis, o desaparecimento gradual da escravidão e a burocratização das questões políticas estatais, são alguns dos cerne de tal rompimento, além do que ele chama de “desencantamento do mundo”, que se dá a partir da “desmagificação” do mundo, e os processos de legitimação das ciências. Weber dá especial atenção às religiões praticadas no Ocidente moderno, para exemplificar de que forma a antiguidade era permeada de uma “magificação” da vida, com superstições, espiritualidade ligada à magia, muitas vezes sem um código moral definido e, como a partir da ascensão de formas religiosas com códigos morais duros a cultura ocidental também muda. Em seus estudos sobre a religiosidade (2013), Weber deixa claro que a influência exercida pelo *ethos* religioso ascético foi fundamental para o sistema capitalista se desenvolver de forma mais bem sucedida em determinado lugar em relação a outros.

Como afirma Antônio Flávio Pierucci, o *ethos* presente na análise weberiana da modernidade, diretamente vinculado à ética religiosa, ainda é conceito fundamental para a compreensão das dinâmicas religiosas do presente:

[...] enquanto permanecer viva e influente no Ocidente essa religiosidade ético-ascética [em sua versão puritana], nós estaremos, na verdade e por outro ângulo, apenas no início do fim. [A ascese puritana] é religião de saída da religião, só que ainda é religião. Estamos apenas na abertura de uma nova etapa do desencantamento do mundo, que começa a se infletir apenas aí numa outra direção, com outro conteúdo, outra materialidade substantiva e, sobretudo, um outro rumo, outra direção" (PIERUCCI, 2003. pp. 211-212).

Iniciado nos Estados Unidos no início do século XX, o movimento hoje chamado de pentecostal, volta a valorizar o líder espiritual como um profeta, detentor de privilegiada comunicação com o divino, trazendo de volta a hierarquia no que diz respeito à intermediação entre Deus e o cristão, como observa Maurício Júnior:

A atuação desses líderes nos leva a pensar, também, num retorno à intermediação entre os leigos e a divindade. Os programas que veiculam as mensagens destes pastores substituíram a leitura sistemática das escrituras,

gerando uma oralização do que antes se configurava numa relação predominante com as fontes escritas. Além disso, a congregação consideraria tais pastores munidos de uma autoridade maior. (MAURICIO JUNIOR, 2011, p.43)

Inspirados pelo episódio narrado em Atos dos Apóstolos, sobre a descida do Espírito Santo à terra em dia de Pentecostes, o movimento pentecostal, além da valorização da palavra do profeta, apregoa os chamados “dons do Espírito”, como a glossolalia, dom de falar em línguas estranhas, o batismo no Espírito Santo, que se manifesta através de tais línguas, dom de cura de doenças, dom de profecias e demais experiências mágicas não praticadas pelo protestantismo tradicional (MARIANO, 1999; 2004).

Nascido nos Estados Unidos no começo deste século [século XX], o pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, *grosso modo*, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais se sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade. (MARIANO, 1999: p. 10. Chaves minhas, grifo do autor).

Tal movimento chega ao Brasil ainda na primeira década do século XX, com missionários vindos dos Estados Unidos. A Igreja Assembleia de Deus, denominação de Silas Malafaia, é a segunda igreja pentecostal a se instalar no país, em 1911, criada por missionários suecos, que se converteram ao pentecostalismo nos Estados Unidos, e se instalaram na cidade de Belém (PA). Marcados pelo ascetismo, sectarismo e certo repúdio aos estudos teológicos formais, além da dureza de regras de usos e costumes (no que diz respeito a vestimentas, cortes de cabelo, uso de acessórios de moda), a AD se instala em diversas cidades do país, com grande proeminência entre as classes mais baixas nos meios urbanos e rurais (CAMPOS, 1997). Tal rigidez de usos e costumes, fez com que os crentes pentecostais se destacassem na sociedade brasileira, como afirma Mariano:

Sectários, os pentecostais até há pouco eram reconhecidos, e muitas vezes estigmatizados, pela veiculação pública de sua identidade, já que a conversão pentecostal implicava mudar de comportamento, de estilo de vida, de visão de mundo e participar preferencialmente da comunidade religiosa. (MARIANO, 1999, p. 116).

Mariano chama a atenção para outra característica dos pentecostais: intransigência no plano religioso:

A intransigência discursiva do pentecostal, de todas as matizes, deriva de uma convicção de possuir, com exclusividade, a verdade divina e constitui forma de auto-afirmação, e defesa de sua identidade religiosa. Ligeiramente arrogante e portador de certezas congeladas, jamais omite as vantagens de ser crente nem relativiza sua opção religiosa. Para quem, por meio da conversão, supõe ter recomposto a integridade psíquica, encontrado sentido e forjado identidade segura e que pretende inabalável, a relativização de sua fé representaria o perigo de retorno à dolorosa experiência pré-conversão, quando os referenciais de sentido, as regras e normas de conduta encontravam-se subjetivamente em frangalhos. (*ibidem*)

A superioridade do bem contra o mal, em uma eterna batalha, não é, como afirma Cecília Loreto Mariz (1999), exclusividade dos pentecostais, mas está presente em todo o cristianismo, até mesmo no catolicismo, de maneira mais proeminente entre os carismáticos. Porém, é importante ressaltar que este seguimento evangélico, dos pentecostais, se destaca por um “estilo religioso bélico”, onde o demônio tem grande relevância, pois é na luta contra as forças do mal, que a superioridade moral do bem ganha sentido.

A demonização desencanta o mundo, em primeiro lugar, por reduzir o universo sobrenatural praticamente a apenas Deus e o(s) diabo(s). A guerra contra o diabo contribui para o declínio da magia na medida em que questiona a eficiência mágica como o critério mais importante para a adoção de um ritual ou realização de um culto. Esse discurso religioso enfatiza não apenas o poder de Deus, mas a sua piedade e justiça. Apesar de todo poder que detém, o demônio deve ser rejeitado juntamente com seus milagres. O critério moral e ético é aí mais importante do que a eficácia mágica. Destacar os aspectos modernizantes e “ocidentalizantes” da teologia da guerra ou batalha espiritual não significa negar seus aspectos “encantados”, que são evidentes na concepção de mal como entidade e não como conceito abstrato. (MARIZ, 1999, p. 40).

Deste modo, ainda que a figura do líder como um profeta e um mediador entre os crentes e o divino seja retomada pelos pentecostais, cada crente deve ser um pregador do evangelho, deve levar aos incrédulos, ou mesmo aos crentes de outras vertentes religiosas, sua pretensa verdade absoluta. Cada crente tem seu próprio dever proselitista, cumprindo sua obrigação, ordenado pelas escrituras, não apenas com palavras, mas também com um modo de ser no mundo que se diferencia dos demais, que demonstre a mudança de vida, o renascimento a partir da conversão.

## **1.2 - O protestantismo popular**

No Brasil, até a década de 1970, o pentecostalismo é marcado pelo ascetismo e sectarismo de seus primórdios, no início do século XX. Já a partir dos anos de 1980, surgem novas práticas e novos rituais, mais acomodados à sociedade de consumo, que trazem mudanças

de paradigma no campo religioso brasileiro. Autores como Paul Freston (1993), Mariano (1999) e Campos (1997) os chamam de neopentecostais.

Freston (1993), em sua tese de doutoramento, conceitua as diferentes vertentes do pentecostalismo brasileiro como “as três ondas do pentecostalismo”, sendo o neopentecostalismo a última delas. Em consonância com Freston, Mariano e Campos também adotam o termo para tratar de um tipo de movimento pentecostal que se dissemina no Brasil especialmente na década de 1980, mas tem seus primórdios no país ainda nos anos 1960, com a chegada de outro missionário estrangeiro, o canadense Walter Robert McAlister, fundador da Igreja de Nova Vida, primeira a adotar a Teologia da Prosperidade no Brasil, sem deixar as marcas pentecostais dos dons do espírito e da constante batalha espiritual (MARIANO, 1999), que seria a guerra no plano metafísico das forças divinas contra as forças diabólicas, afetando a vida material, mas também buscando uma vida plena ainda nesta terra, não somente esperando a salvação do porvir.

A partir do trabalho do missionário McAlister e de sua Igreja de Nova Vida, o campo religioso pentecostal brasileiro sofre mudanças de paradigma que viriam a afetar as demais vertentes pentecostais e não pentecostais, até mesmo a Igreja Católica. Seguindo a linha dos pregadores estadunidenses, McAlister investe no proselitismo midiático, em rádios, e foi a primeira igreja evangélica brasileira a ter um programa de TV (BARBIERI JUNIOR, 2007).

Foi na Igreja de Nova Vida, no Rio de Janeiro, que Edir Macedo se converteu ao pentecostalismo, criando posteriormente a Igreja Universal do Reino de Deus, que, em suas divisões internas, já deu origem a outras igrejas neopentecostais, dentre elas a Igreja Mundial da Graça de Deus, do missionário R. R. Soares, e a Igreja Mundial do Poder de Deus, em São Paulo, do apóstolo Valdemiro Santiago, nomes proeminentes do televangelismo brasileiro, com horários fixos na TV aberta, programas de rádio, entre outras entradas nos meios de comunicação de massa.

As maiores mudanças trazidas pelo neopentecostalismo, segundo Freston (1993) e Mariano (1999), se dão a partir da Teologia da Prosperidade, (de agora em diante também aparecerá neste trabalho como TP), onde a vida na terra é a prioridade, não apenas a salvação após a morte. A salvação se torna sinônimo de prosperidade, nas finanças, na saúde, na vida sentimental; portanto, o crente precisa ter uma vida próspera como prova de sua fé e fidelidade a Deus, que o recompensa com uma vida material confortável, em que o crente não precisa se envergonhar de suas conquistas mundanas, como casas, carros e viagens de férias. Diferente do pentecostal tradicional e do protestante histórico, o neopentecostal não está apenas bem

acomodado à vida na sociedade capitalista, como é incentivado por seus líderes a buscar seus anseios materiais e desfrutar de tudo que o mercado de consumo pode lhe oferecer, através de seu trabalho duro, sua visão empreendedora e sua fidelidade a Deus.



Figura 1: Instagram Silas Malafaia – 23 de novembro de 2018

Com linguagem mercadológica adotada nos cultos, apresentando aos fiéis alternativas para os problemas em todas as esferas, não somente espiritual, o novo movimento pentecostal cresce nos anos de 1980 e 1990, majoritariamente entre as classes mais pobres, das periferias das grandes cidades brasileiras. “O crescimento pentecostal, porém, ocorre de forma muito desigual entre as diferentes classes sociais. Concentra-se nos estratos mais pobres da população.” (MARIANO, 1999: p. 11).

(...) o pentecostalismo pode ser entendido como uma forma de religiosidade que surgiu e se desenvolveu no contexto de sociedades que sofreram o impacto da expansão do sistema capitalista. Assim devemos questionar como e por que o pentecostalismo é uma forma religiosa típica da periferia do sistema capitalista, e como ele também está diretamente relacionado a determinadas classes sociais que floresceram de modo impressionante em tais sociedades. (ARENARI, 2015: p. 523).

Arenari afirma que a construção e o sucesso das religiões globais, como o pentecostalismo, só são possíveis pela expansão do capitalismo, como resposta às demandas religiosas próprias desse sistema, em particular o capitalismo periférico. “O capitalismo é fabricante de aspirações e trajetórias de vida, e cria padrões de sucesso que representam “uma noção da boa vida””.

(*ibidem*). Segundo Mariano, apesar do grande crescimento entre as classes desfavorecidas, que buscam na mensagem dessas igrejas respostas para seus anseios e mudança de vida, não é possível explicar tamanho crescimento pentecostal no Brasil considerando apenas a classe social de seus adeptos, existem outros fatores que devem ser levados em conta, como o sincretismo praticado pela nova onda pentecostal, que, apesar de combater outras religiões em seu discurso, inclui em seus rituais práticas muito semelhantes, com destaque para as religiões de matriz africana.

Mariano (2004) afirma que a mentalidade religiosa brasileira é sincrética, tendo sofrido influências do catolicismo romano, das religiões de matriz africana, xamanismo, espiritismo kardecista, protestantismo histórico, e demais formas de espiritualidade, muitas delas mediúnicas. Portanto, a adaptação do público se dá de maneira mais facilitada se não precisar abrir mão de certas práticas após a conversão. Esse ponto é diferença fundamental entre o neopentecostalismo, o protestantismo histórico e o pentecostalismo tradicional. Nas vertentes anteriores do campo evangélico, após a conversão, era necessário abandonar velhas práticas, consideradas mágicas, supersticiosas, para demonstrar a verdadeira mudança de vida a partir da adesão à nova religião. As igrejas neopentecostais incorporam em seus rituais tais práticas, segundo Mariano, deliberadamente tirando proveito da mentalidade religiosa brasileira, permeada por tantas referências, tornando a adesão um processo mais simples.

Outra questão importante no novo pentecostalismo foi o afrouxamento das normas de usos e costumes. As vestimentas e regras rígidas, como por exemplo, não assistir TV ou ouvir rádio, que foram fator de diferenciação do povo pentecostal no Brasil, foram bastante relaxadas, algumas completamente abandonadas. O ascetismo e sectarismo exacerbados são substituídos por mudanças estéticas e de comportamento, o que, segundo Luiz Eduardo Soares (2019), reflete a própria mudança da sociedade brasileira, na periferia do capitalismo. A flexibilização de costumes aumenta a capacidade das igrejas neopentecostais de atingirem as classes médias urbanas, com maior grau de escolaridade e os jovens:

As maiores e mais contundentes mudanças nessa área culminaram com a aparição das igrejas neopentecostais. Rompendo com o forte contraculturalismo pentecostal vigente – de caráter repressivo e retrógrado em vez de libertário e inovador dos costumes –, transformaram radicalmente a imagem e o aspecto exterior dos crentes. Para desgosto dos legalistas e alegria dos fieis que se sentiam constrangidos e reprimidos, em especial os jovens e segmentos de classe média, elas aboliram as “vestes dos santos”. Exemplo eloquente disso são as igrejas difusoras do movimento gospel, que pregam o Evangelho através do rock e dos demais ritmos profanos da moda. (MARIANO, 1999: p. 188 – 189).

A mudança estética do crente pentecostal, a partir da expansão das igrejas do novo pentecostalismo, também se reflete na mudança do estilo de vida, que se torna mais parecido com os dos descrentes, com acesso a meios de comunicação, antes proibidos, inclusive com grande incentivo das instituições religiosas, que aderem ao proselitismo midiático com bastante êxito, ocupando espaços, e inclusive adquirindo, emissoras de rádio, TV, gravadoras, editoras e portais de notícias.

(...) o empreendedorismo é condição *sine qua non* para que as condições de possibilidade e fatores facilitadores se transformem em realidade. No campo religioso, a competência empreendedora corresponde à aptidão para o proselitismo. Estou me referindo a algo maior que liderança e talento persuasivo: estratégias de sedução que combinem verossimilhança das crenças e linhas de continuidade com a adesão anterior, nas quais a ruptura faça sentido, infundindo inteligibilidade e coerência às mudanças. Além disso, são necessários outros ingredientes: liturgias atraentes em que emoções, música e o movimento integral do corpo participem. Porém, nada é mais importante, nesse universo de adesões religiosas, do que a garantia de que a organização do grupo ofereça acolhida a seus membros em dificuldade e funcione como uma rede confiável de cooperação em todos os níveis para os indivíduos e famílias. (SOARES, 2019: p. 101).

Apresentando-se como espécie de “pronto-socorro espiritual”, as igrejas neopentecostais atendem as mais variadas demandas do indivíduo, dando prioridade à vida na terra, e não no porvir, oferecendo aos fieis historicamente excluídos, estratégias discursivas de mudança de vida, ascensão social, ocupando, em muitos casos, o espaço deixado pelo Estado e suas instituições, sendo alternativa de “protestantismo popular” (MARIANO, *idem*, p. 9) em uma realidade de modernização tardia.

### **1.3– Teologia da Prosperidade e autoajuda**

Com um discurso marcadamente positivo, em que, além de receitas de ações práticas, também é valorizada a força do pensamento, a responsabilização do sujeito pelo seu próprio destino, os livros e palestras de autoajuda atendem a demandas de uma sociedade, que, segundo Soares (2019), segue o modelo da “errância individualizada”:

Indivíduos caminhando sob neblina, acuados por pressões diversas, procuram na cultura da autoajuda a motivação e as orientações que os animem a seguir adiante, enfrentando as dificuldades com energia, sem se desesperar, aprendendo a valorizar-se e a decifrar os enigmas de um cotidiano complexo e opaco, segundo um vocabulário de manejo simples e compatível com quase qualquer tipo de formação anterior, nos mais variados graus de dificuldade. (SOARES, 2019: p. 97).

Ainda segundo Soares:

Assim como livros, programas e cursos de autoajuda, também algumas

modalidades religiosas oferecem uma psicologia *prêt-à-porter*, um *kit* de ferramentas intelectuais de aplicação imediata e universal para a solução de conflitos. Em lugar de práticas divinatórias para a cura dos males, que continuam prestigiados, mas não suprem todas as necessidades e correm o risco da informação no dia a dia, surgem e se disseminam as mais variadas fórmulas de autoajuda, inclusive e com destaque em alguns segmentos religiosos do universo evangélico, cuja pujança decorre da habilidade em fornecer, via TV ou em ritos presenciais, bússolas bastante acessíveis a todo o tipo de interessado e mapas muito simples para uso rápido e direto. (idem, p. 97, 98).

A Igreja Universal do Reino de Deus tem, por exemplo, um dia da semana dedicado ao aconselhamento para a vida empresarial, em que o culto tem o nome de “Reunião dos Empresários”, onde técnicas de venda, de *marketing* e demais recursos discursivos do mercado econômico e empresarial são usados, não apenas para aconselhar aqueles que já possuem uma empresa, mas também os que desejam ser “o seu próprio patrão”. Indivíduos que, muitas vezes desprovidos de elementos discursivos do mercado de consumo, encontram justamente no campo religioso as estratégias que buscam para obter sucesso pessoal e profissional.

A vida próspera que as igrejas neopentecostais pregam como prova de uma vida de fidelidade a Deus envolve não somente o aspecto financeiro, mas também a saúde física e mental, a vida amorosa e familiar, oferecendo elas mesmas, as comunidades religiosas, argumentos e estratégias para o adepto, fazendo do discurso de autoajuda parte de sua estratégia proselitista.

Silas Malafaia, que apresenta programas de televangelismo desde 1982 (AVEC), não dispensa o discurso e as práticas de autoajuda em seu programa, assim como em suas publicações editoriais. Com enorme alcance, através da TV aberta, Malafaia não fala apenas aos adeptos de sua denominação, tampouco aos convertidos ao protestantismo, oferecendo estratégias para uma vida melhor, em uma sociedade onde os indivíduos não encontram em outro lugar respostas.

(...) vale sublinhar a continuidade entre as dúvidas e a ansiedade vividas por atores sociais diante de dilemas práticos em uma sociedade dinâmica que se complexifica – atravessada por contradições e violência, exploração e iniquidades, mas também caracterizada por promessas de salvação e oportunidades de superação – e a cultura da autoajuda em seu conjunto, laica ou religiosa, as diferenças sendo nesse caso talvez menos relevantes do que as similitudes. (SOARES, 2019: p. 98).

Nesse sentido apresentado por Soares, as comunidades religiosas, aqui destacadas, as protestantes pentecostais adeptas da Teologia da Prosperidade, oferecem aos indivíduos – muitas vezes à margem da sociedade de consumo – opções não encontradas fora do campo religioso, apesar de exigidas para a inserção em tal sociedade e especialmente para uma

possível, e tão almejada, mobilidade social, prometida nas igrejas, e demonstrada através de testemunhos de sucesso.



Figura 2: Instagram Silas Malafaia 08 de maio de 2019.

A valorização do empreendedorismo, do discurso positivo, da transformação de vida através não somente da mudança de atitudes, mas também da adesão ao grupo religioso, o grande alcance, através dos meios de comunicação de massa, atingindo os mais variados públicos, podem ser considerados fatores importantes para o crescimento evangélico entre as populações excluídas, em particular das metrópoles brasileiras. (ALMEIDA, 2004, 2009).



Figura 3: Instagram Silas Malafaia – 29 de fevereiro de 2020

Em sua dissertação de mestrado, Monise Picanço discorre sobre a genealogia da autoajuda, na tentativa de uma possível conceituação do termo, que não é apenas um gênero literário, mas também um sistema, como a autora afirma. A autora disserta sobre os livros de

autoajuda surgirem como “manuais de sucesso” (PICANÇO, p. 17), e em literatura de língua inglesa ganharam grande apelo de vendas nos anos de 1980, como receitas para atingir qualquer objetivo.

Picanço aponta o livro *Poor Richard's Almanac*, de Benjamin Franklin, escrito em 1732, como um manual de sucesso, com grande foco na moralidade e influência religiosa. E a influência religiosa permanece nos manuais publicados nos século XIX e na virada para o século XX, apontando que a prosperidade estava na cooperação e espírito de auxílio entre os homens, e não na política.

A força da ética de trabalho duro e cumprimento de dever individual e coletivo estão presentes nos primeiros livros considerados “manuais de sucesso”, como o livro *Sel-Help* de Samuel Smiles, publicado em 1859, onde o termo autoajuda, em inglês, é utilizado pela primeira vez no título de uma publicação. Tal como Benjamin Franklin, Smiles traz a ideia do trabalho como uma das formas da construção do caráter do indivíduo, porém acrescenta que o sucesso é fruto de persistência, trazendo, deste modo, a ideia de sucesso como objetivo a ser alcançado nesta vida e não apenas em um paraíso vindouro. A “ética do caráter” (p. 19) deixa de ser um sinal divino, e passa a ter a conotação de empreendedorismo.

Na virada do século XIX para o século XX surge uma narrativa científicista entre os manuais de sucesso. Chamada de “nova psicologia” (p. 20) reitera a ideia de força de vontade, baseados na sugestão. Na década de 1930 surgem os *how-to-do books*, reforçando a ideia do poder da sugestão a partir de narrativas de manipulação de si e dos outros. Um marco dessa literatura é o best-seller “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, publicado em 1936.

De acordo com o levantamento teórico feito por Picanço em seu trabalho de dissertação, essa literatura visava formar indivíduos ideais para o fordismo, sujeitos que, buscando realização pessoal e sucesso individual, não estariam interessados em mudar o *status quo* (p. 21). A autora ressalta também que a ideia de realização pessoal passa a estar diretamente ligada a aquisição de bens materiais, usando recursos de linguagem retirados da psicologia, a literatura produzida como manual usa recursos narrativos que tratam os problemas sociais, como a pobreza, desemprego, falta de acesso a bens materiais, como categorias subjetivas, que devem, portanto, ser resolvidas pelo indivíduo, com esforço, trabalho duro, mudança de pensamento e persistência, produzindo um trabalhador flexível e responsável por seu próprio sucesso, com mentalidade empreendedora. Para tanto, recorre às trajetórias de sucesso pessoal, inclusive de celebridades.

Picanço em seu arcabouço teórico argumenta que os manuais de sucesso pretendem

oferecer mecanismos para a transformação do *habitus* dos indivíduos, a partir da construção de uma identidade que se pretende vencedora, propondo autotransformação, com poder da sugestão e do trabalho duro, tornando-se, deste modo, mecanismo de construção do eu de forma reflexiva (p. 23).

A autoajuda passa também a ter uso terapêutico, como um intermediador cultural, de disciplina interior e autocultivo (p. 23), que alimenta um imaginário individualista, de responsabilização do sujeito, calcado no *self* e na permanente construção do eu produtivo e transformador de si, em uma imagem narcisística dentro de uma lógica neoliberal. (p. 24).

A percepção dessa ligação é um avanço, na medida em que dá corpo às ansiedades e à busca por essas soluções simples. Não se trata de mudanças apenas no mercado de trabalho, mas também no modo de pensar essa atividade. Ou, dito de outro modo, se há mudanças no mercado e trabalho – elas existem de fato; e se tais mudanças são uma base inescusável para pensar essa forma de ver o trabalho, o êxito e a individualidade – e o são, o que se quer destacar é a ausência de um efeito imediato, direto dessas transformações na estrutura produtiva, nos modos de gestão e nas relações de emprego, mas, ao contrário, destacar o papel dos elementos de mediação pelos quais esse efeito pode se fazer sentir, ou seja, que são condição de possibilidade para que esse efeito se faça sentir, construindo outros modos de orientação da conduta, assentados em outras pautas de valores. Entender que as publicações da literatura de autoajuda voltada a negócios funcionam como uma espécie de desdobramento da cultura do *management* mostra como o processo da construção de um novo paradigma dispara uma busca por prescrições que permitam aos indivíduos, não só compreender tal paradigma, como incorporá-lo. (p. 28, 29).

A relação que a autora faz, a partir de seu referencial teórico, entre o crescimento dos manuais de sucesso com uma agenda política neoliberal também fica clara quando se trata do mercado editorial brasileiro, onde este tipo de literatura atingiu seu ápice de crescimento e de mudança na opinião pública, a partir da década de 1990, quando tal agenda política era aplicada no país, e a mídia de massa exaltava trajetórias individuais de sucesso, tornando as exceções casos de suposta inspiração para as massas desfavorecidas, sob a narrativa de autotransformação, autodesenvolvimento e domínio do próprio destino.

**Picanço** sinaliza a dificuldade de se conceituar o que é autoajuda, e aponta alguns caminhos percorridos por alguns autores em tal empreitada, como a definição de que livros de autoajuda são os que possuem no título ou subtítulo a indicação de serem um manual. (p. 70) Mas a própria autora demonstra a fragilidade dessa classificação e das demais que buscaram restringir a um número de características específicas para se enquadrarem no gênero literário da autoajuda.

Um bom exemplo é o já citado *best-seller* *O Monge e o Executivo*, de James Hunter. O livro não é uma conversa entre o leitor e o autor. Ao contrário, trata-

se da narrativa, feita por um gerente, sobre um curso de liderança feito, por ele, em um monastério, no curso de cinco dias. Ele prescreve e é persuasivo, mas o faz a partir das discussões entre os personagens do livro. Não possui questionários, nem dá tarefas ao leitor para que este perceba e reflita sobre o “seu problema”; ao contrário, usa a história dos personagens para dar exemplos positivos e negativos, e a história do gerente para prometer que é possível alcançar, no fim das contas, o sucesso como líder. (p. 70)

Deste modo, encontrar definição para o que deve ou não ser chamado de autoajuda, é uma tarefa ainda inacabada, porém, algumas características comuns podem ser observadas entre o que a autora irá chamar de “sistema de autoajuda” (p. 66), que não compreende apenas o gênero literário, mas também manuais, vídeos e palestras, formação com gurus e até mesmo terapia alternativa.

Discurso voltado a traçar caminhos para o sucesso individual a partir de uma dada comunhão consigo mesmo, mudança de pensamento e prática do pensamento positivo, inclusive como prática terapêutica, trabalho de autoestima, técnicas de autocuidado e de aperfeiçoamento pessoal, com caráter prescrito e persuasivo, com uso majoritário do tempo verbal imperativo, promessas de resultados, uso de metáforas e de exemplos de trajetórias de sucesso, linguagem de fácil compreensão, com tons didáticos e edificantes, sempre visando sucesso, seja amoroso, financeiro, físico ou mental, são algumas das características encontradas nesse sistema de autoajuda, que movimentam não apenas o mercado literário, mas também um mercado de palestras, convenções, cursos e consultorias, que prometem dar ao indivíduo recursos narrativos e simbólicos para alcançar o sucesso a partir do próprio esforço e pensamento positivo, postura positiva perante à vida e às dificuldades, buscando realizar sua vocação na terra.

Picanço recorre à autora Sandra Dolby, em seu livro “*Self-books: why americans keep reading them*” (2005), pois “Em sua visão, isso se dá porque o gênero de autoajuda é uma categoria êmica, ou seja, uma categoria cujo sentido é tácito para os atores que a criaram e que com ela trabalham.” (p. 72). Dolby também compara o discurso dos livros de autoajuda a pregações, o que interessa particularmente a este trabalho de dissertação:

It is one thing to write informatively about one’s discipline for a lay audience and yet another thing with clear intention of offering guidance to each individual reader– to suggest ways that one’s discipline or research might directly affect a reader’s personal philosophy and day-to-day behavior in the world. The sermons of preachers and the lectures of teachers are probably the closest analogy to this kind of writing in contemporary American culture – perhaps the homilies of priests, rabbis and preachers more clearly than the lessons of teacher. Their intention is to enlighten and persuade, and their content is, at least to some extent, the theology and discipline of their training. (DOLBY, 2005. *apud* PICANÇO, 2013, p. 72).

Nas palavras de Picanço:

Essa talvez seja a especificidade da autoajuda brasileira que alcança êxito: vender não apenas um produto que busca educar seu leitor e lhe trazer conselhos e prescrições para mudar a vida, mas vender *autores que fazem da sua vida a missão de apresentar teleologias* para que se torne possível, ao seu leitor, curar sua alma e os males de sua vida. (p. 73).

O contexto dos anos de 1990 no Brasil é fundamental para a compreensão da importância de narrativas de sucesso pessoal como trajetórias de sucesso, pois havia no país um agravamento da crise econômica concomitante a uma agenda política neoliberal implementada de maneira aberta e expressiva pelos meios de comunicação de massa a partir da eleição de Fernando Collor de Melo. Joanildo Burity (2008) ressalta a importância das mídias na valorização de histórias de sucesso pessoal, apresentando figuras emergentes economicamente como exemplos a serem seguidos, tornando o sucesso material cenário possível no imaginário do espectador.

Nesse contexto as igrejas aqui chamadas neopentecostais, adeptas da Teologia da Prosperidade, crescem exponencialmente em relação às outras religiões no país. A crescente perda de hegemonia da Igreja Católica, maior liberdade religiosa, acontecem em contexto de reabertura política pós-ditadura civil-militar, expansão dos meios de comunicação de massa, com destaque para a televisão, migração e êxodo rural, resultados da industrialização tardia, característica de sociedades capitalistas periféricas, como o Brasil, onde o crescimento urbano se deu de forma desordenada e não planejada. (ALMEIDA, 2006). Todo esse contexto tece uma teia onde as camadas mais pobres dos meios urbanos brasileiros foram fixadas. Informalidade nas relações de trabalho, falta de rede familiar a partir das migrações, aumento da pobreza e criminalidade. Tudo isso somado à ideia liberal de sucesso através do esforço pessoal e determinação. As igrejas da Teologia da Prosperidade se apropriam desse discurso mercadológico e difundem um vocabulário de empreendedorismo entre os fiéis (LIMA, 2007).

As igrejas surgem como redes de apoio, para além das questões espirituais. Segundo Almeida, as igrejas trabalham “gerando ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança, além do aumento de auto-estima e do impulso empreendedor.” (ALMEIDA, 2006, p. 10). Com tom pedagógico e didático, alguns cultos são inclusive dedicados a disseminar ideias de empreendedorismo e ações específicas para negócios, incentivando os fiéis a serem donos do próprio tempo e patrões de si mesmos, além das negativas aos serviços assistenciais do Estado.

Não por acaso os cultos e convenções são amplamente ocupados por testemunhos

persoais de sucesso, muitas vezes material, mas não somente, sucesso familiar e saúde plena também são exemplos constantes da narrativa triunfalista utilizadas em diversas igrejas adeptas à Teologia da Prosperidade, ligando o sucesso diretamente à fidelidade a Deus e ao cumprimento dos deveres materiais e espirituais, além da ética de trabalho duro e constante.

Para Cecília Loreto Mariz (2016) tanto os pentecostais quanto os católicos carismáticos praticam o que ela chama de religiosidade do “eu”, e se aproximam mais do que Weber e Durkheim definiriam como magia, pois valorizam a experiência encantada, que é individualista, subjetivista e emocional, se enquadrando no tipo ideal weberiano de “místico” ou “contemplativo”, gerando muitas críticas a essas vertentes dentro do campo religioso, na sociedade e também na academia.

A autora afirma ainda que as igrejas pentecostais perceberam a necessidade de incluir em seu discurso argumentos racionais, não encantados, para obter legitimidade social e no campo religioso. Desenvolvem assim uma linguagem secular, e falar das obras sociais promovidas pelas denominações tem papel fundamental para a imagem desejada, de responsabilidade social.

Muitos dos líderes pentecostais também são políticos eleitos e/ou líderes de grandes projetos sociais, portanto são interlocutores no mundo secular, precisam dominar a linguagem de outros campos, além do religioso. Mariz define discurso como prática social que se produz no processo de troca e relações sociais, desse modo cada sujeito social possui múltiplos discursos, que se adequam aos campos onde circula. Os líderes pentecostais dominam esses discursos dos diferentes campos onde estão inseridos.

Para a autora o discurso religioso é facilmente adaptável ao discurso político, por isso é tão facilmente absorvido quando os campos se perpassam. Promove-se nas igrejas pentecostais uma relação entre evangelização e promoção de mudança social, pois a vida das pessoas está indo mal por estarem longe da “verdade” da igreja, por estarem dominados por espíritos obsessores, portanto, promover a evangelização é libertar as pessoas de tais obsessões e promover assim mudança e justiça social.

A mudança da linguagem mágica para uma linguagem com mais validade no mundo secular, onde o discurso religioso possa ser compreendido por interlocutores não religiosos se dá a partir da entrada dos neopentecostais no campo político e da ascensão social de seus líderes, sempre vinculando a ética religiosa à ética do trabalho (Weber, 2013).



Figura 4: Instagram Silas Malafaia – 30 de novembro de 2019

A constante batalha entre o bem e o mal não fica apenas no campo espiritual, mas está presente no dia a dia do fiel, pois os “principados e potestades” (SANT’ANA, 2014) do mundo espiritual são os causadores de todos os males na vida material.

Sob a gramática das “batalhas espirituais”, não se dissociam as ações nos mundos espiritual e material. Os fenômenos do mundo material têm relação com agentes espirituais. Haveria uma guerra em curso entre o Bem e o Mal, entre Deus e o Diabo, que se expressaria no cotidiano. (SANT’ANA, 2014, p. 220).

Deste modo, os evangélicos, e mais precisamente os pentecostais, sentem-se pertencentes ao que Sant’Ana chama de “exército de Deus”, sempre prontos para a guerra, em busca da prevalescência do bem sobre o mal, de Deus sobre o Diabo.

## CAPÍTULO 2 - ESTUDO DE TRAJETÓRIA

Tratando-se de um trabalho que se propõe a utilizar a trajetória de vida do ator aqui analisado, esta dissertação não se pretende a apresentar uma biografia, ainda que lance mão de relatos biográficos produzidos pelo próprio Silas Malafaia, como de relatos produzidos por terceiros acerca de sua vida e trajetória ministerial.

Atendo-se ao conceito sociológico de biografia, trabalhado por Pierre Bourdieu em seu texto “A ilusão biográfica” (2002), em uma tentativa de se distanciar da ideia de biografia presente no senso comum, onde as histórias de vida, em muitos casos são narradas sem considerar o agente em sua totalidade, atendo-se apenas a uma sequência de fatos; este trabalho usará o conceito de análise sociológica de trajetória. Enquanto prática metodológica da Sociologia, a biografia, segundo Bourdieu, não pode seguir a ideia de que a vida segue um curso linear, uma ordem lógica e cronológica. As histórias acontecem e transcorrem de maneiras diversas e cabe ao pesquisador organizar os fatos de forma inteligível. Deste modo, a narrativa biográfica precisa respeitar os limites da História e deve considerar o agente em seu campo social. Para este trabalho foi solicitada, por e-mail, uma entrevista com o pastor Silas Malafaia, para que este pudesse narrar sua trajetória e destacar o que considera de mais relevante em sua atuação. Contudo, o e-mail foi respondido por sua assessoria, dando conta de que seria encaminhado ao pastor, mas não se obteve mais resposta. Desse modo, este trabalho não conta com o que Guérios (2011) chama de “história de vida”, pois dependeria da narrativa do próprio ator aqui analisado, através de uma entrevista concedida à pesquisa. Com isso, foi necessária a utilização do que o autor denomina como “biografias” e “estudos de trajetórias”, que são textos já produzidos sobre Malafaia, tanto por fontes não científicas, como os trabalhos das Ciências Sociais e das Ciências da Religião que se ocuparam de sua vida.

Portanto, a despeito do esforço que se despenderá neste capítulo para trazer a biografia do ator aqui analisado de maneira inteligível ao leitor, nem sempre a narrativa se dará de forma cronológica linear, pois o verdadeiro objeto de análise é a atuação de Malafaia nos campos em que circula, sua relevância para o pentecostalismo e a política brasileiros, e não uma exposição sequencial de fatos.

A análise crítica desses processos sociais [...] conduz à construção de trajetória como série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele mesmo em devir e submetido a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e suficiente em si mesma de eventos sucessivos sem outra ligação que a associação a um “sujeito” cuja constância é apenas aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto

tentar explicar um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 2002, p. 71)

O indivíduo em uma análise biográfica sociológica, ainda segundo Bourdieu, precisa ser visto em sua totalidade, nas diversas posições em que ocupa e nas interações dentro dos campos em que está inserido. O sujeito precisa ser considerado como ser biológico, individual, que carrega nome próprio, além de ser social e histórico. A trajetória é resultado da união dessa totalidade, e deve ser analisada frente às condições concretas de existência do indivíduo. Para isso é necessário que o pesquisador tenha conhecimento não apenas da vida do agente pesquisado, mas das condições em que sua vida transcorre e os eventos relevantes acontecem.

[...] o método de *histórias de vida* pode oferecer, se levado a cabo com consistência, um bom locus de trabalho em prol desta tarefa. Ao tomar por foco de estudo a trajetória de uma pessoa nos ambientes sociais de que participa, ao oferecer a oportunidade de questionar como cada sujeito vive ligado a redes de interdependências [...] que se estendem além de seu pertencimento social imediato, estes estudos deparam-se frontalmente com a questão da relação entre o individual e o social, entre o pequeno e o grande, entre a parte e o todo. (GUÉRIOS, 2011, p. 13, grifo do autor).

Com estilo de pregação persuasiva (BRANDÃO, 2017), posicionamentos contundentes e controversos, forte atuação no espaço público, e grande influência política não apenas no meio evangélico, mas em todo seguimento conservador brasileiro (KOREN, 2016; MAURÍCIO JÚNIOR, 2016, 2019; CÉSAR, 2019), Silas Malafaia, que nunca se candidatou a nenhum cargo eletivo e que teve grande expansão de atuação nos últimos anos através das redes sociais, além dos programas de TV e material editorial e audiovisual que produz, defendendo ativamente a participação dos evangélicos na política partidária (CÉSAR, 2019), foi escolhido como ator desta pesquisa por representar uma conjuntura que vai além dele mesmo.

cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos de dimensões e níveis variáveis, do mais local ao mais global. Não existe portanto hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista microhistórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrossociais; é [...] um versão diferente. (REVEL, *apud*. GUÉRIOS, 2011, p. 16).

Partindo de referencial teórico já produzido na Sociologia da Religião e nas Ciências da Religião sobre o pastor e conferencista Silas Malafaia, além de livros publicados pelo próprio pastor, onde narra episódios de sua vida pessoal e profissional, e recorrendo também a material produzido pelos meios de comunicação, bem como entrevistas concedidas pelo pastor, este

capítulo, seguindo a metodologia proposta por Bourdieu, se propõe a analisar a trajetória do citado pastor, desde sua formação cristã até sua atuação como o “pastor mais polêmico do Brasil” (MALAFAIA, 2018)

## 2.1 - Silas Malafaia, uma trajetória

Com discurso incisivo, Silas Malafaia se tornou ao longo de sua trajetória um dos pastores mais influentes do país não apenas no campo religioso, mas também na esfera pública, atingindo milhares de pessoas, crentes ou não, com seus programas de TV, e atualmente com o uso constante das redes sociais. Sua trajetória, que será remontada a partir de agora, demonstra que suas pretensões de carreira religiosa começaram cedo, e que sua formação familiar cristã exerceu e ainda exerce grande influência sobre sua vida e carreira.

Em sua autobiografia, co-escrita com Jefferson Magno Costa (2012), sua mãe, Dona Albertina, relata um episódio que ela considera marcante ainda na infância do filho Silas. Segundo Dona Albertina, havia um homem de comportamento estranho que vagava pela rua onde a família morava, considerado por eles um “homem possesso” por demônios. Ela narra que Silas “repreendeu os demônios com autoridade” (MALAFAIA, COSTA, p. 126) e que desde então tal homem estava livre da possessão, demonstrando que Silas, desde tenra idade, já estava sendo preparado para a obra de Deus. A crença em possessão demoníaca e em sua consequente repreensão são parte do *ethos* pentecostal, de constante batalha espiritual, onde cada servo de Deus deve ter autoridade para expulsar tais presenças malignas, em uma interpretação do texto do evangelho de Marcos, capítulo 16, versículo 17: “E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas<sup>4</sup>”.

Nascido em lar evangélico assembleiano no bairro carioca da Tijuca em 1958, Silas Lima Malafaia, é o quarto de seis irmãos, filhos de Gilberto Malafaia, um militar aposentado e pastor da Igreja Assembleia de Deus e Dona Albertina, professora e diretora de escola. Silas e os irmãos tiveram uma criação típica cristã, com leituras diárias da Bíblia, culto doméstico, orações em família e uma ética dura, dentro da moral cristã. À mesma época do exorcismo feito por Malafaia aos 12 anos, sua irmã Suzana afirma em entrevista para sua autobiografia, que o irmão recebeu uma profecia de uma “irmã de oração” da igreja. “O Senhor disse por aquela irmã que tinha uma grande obra a realizar por intermédio do Silas, que iria usá-lo com muito poder e autoridade. Ele ouviu tudo calado não falou nada.” (*ibidem*, p. 147). A crença no dom de profecias, como um dom do Espírito Santo, também faz parte da cosmologia pentecostal

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/acf/mc/16/17,18>> acesso em 21 de novembro de 2020.

em que Malafaia foi criado, o que torna o evento marcante para a família, que já acreditava que o filho era escolhido para o serviço do reino de Deus.

A família Malafaia, apesar de estar em acordo com a prática assembleiana à sua época, se distinguia desta em alguns aspectos. Sendo uma família de classe média, moradora de uma região da cidade do Rio de Janeiro também de classe média, com pais letrados e estudiosos, destacavam-se em uma denominação marcadamente pobre. Como Gideane M. Souza (2016) afirma “A despeito desta discussão, também é importante ressaltar que essa igreja pentecostal assembleiana, é, em sua maioria, uma igreja de pobres.” (p. 31), com forte presença nas áreas rurais e nas áreas periféricas das grandes cidades. Portanto, a família de Silas Malafaia, no que diz respeito à classe social, nunca fez parte do que seria a família assembleiana média comum. Malafaia ressalta a erudição de seu pai:

É um pastor dotado de uma eloquência tão impressionante, de um domínio tão seguro das leis da retórica que, alguns anos atrás, quando ele solicitava a palavra para falar nas convenções das Assembleias de Deus no Brasil, muitos tremiam, pois temiam sua perspicácia aguda, sua lógica implacável [...] Sou fichinha perto do velho Gilberto Malafaia. Enquanto, muitas vezes, cometo delitos, pecados e crimes contra as regras da língua portuguesa, meu pai sempre usou um português de altíssimo nível, polidíssimo. Quando era jovem, lia o dicionário durante duas horas. (MALAFAIA, COSTA, 2012, p. 10)

A dedicação de Gilberto Malafaia aos estudos sempre foi um diferencial dentro da denominação, inclusive o tornando alvo de críticas de assembleianos tradicionais, que, de acordo com os missionários pioneiros da denominação no Brasil, rejeitavam os estudos formais. Mesmo assim Gilberto se formou em Teologia e posteriormente em Pedagogia, e foi o co-fundador do Instituto Bíblico do Brasil Pentecostal, seminário onde Silas se formaria anos mais tarde.

A rotina de estudos bíblicos também se dava pela importância que a família creditava à educação, de base cristã, mas também de letramento. Seu irmão Sérgio afirma que ler e copiar versículos até cem vezes cada um “foi o método que nosso pai usava para nos castigar” (idem, p. 140), o que acredita ter facilitado a aprendizagem de Silas das escrituras, inclusive os memorizando e os citando de cor em suas pregações e palestras. Bem como Gilberto, Dona Albertina também é citada pelos filhos como grande influência e parte ativa da educação cristã que tiveram:

[...] ela se sentava entre nós em uma das nossas camas, e contava-nos as histórias da Bíblia. Enquanto ela narrava aquelas irresistíveis histórias, eu viajava na minha imaginação. Quando contava a história de José, Daniel, eu me via em companhia deles, e às vezes me imaginava um deles. Minha mãe tem o dom de contar histórias. É uma educadora por excelência. Conseguia contar-nos as histórias com tantos detalhes e com tanto poder de dramatização,

que nos levava a desejar viver também as grandes experiências que os personagens bíblicos tiveram com Deus. (idem, p. 11).

Segundo exposto por Souza (p. 21) Silas ajudava seu pai a vender livros pela cidade desde os 11 anos, livros cristãos, que era incentivado a ler, além de acompanhar cadernos de política do Jornal do Brasil, sempre sob instruções do pai.

À época, enquanto as Assembleias de Deus se colocavam no meio cristão de forma apologética, rivalizando com a Igreja Católica e com outras denominações protestantes sobre as verdades da fé cristã e da salvação divina, Gilberto Malafaia se instruía e iniciava os filhos nos estudos não apenas da Bíblia, mas também da vida secular, e é considerado por isso um vanguardista dentro da denominação.

Essa relação é relevante para esta pesquisa pois pode ser o nicho de formação e de sua forma de gerir a sua religião e maneira como se relaciona com sua religiosidade. Seus paradigmas advêm de modelos que, aqui nas primeiras décadas de sua vida, já se evidenciam. [...] Gilberto Malafaia disse em entrevista a Jefferson Costa que, durante esse período da vida de Silas, nenhum dos filhos se portou com altivez ou alguma atitude que demandasse a ideia de confronto com ele. Ele acrescenta ainda que sempre tentou dar aos filhos testemunho de autenticidade cristã. Seria por conta de que, sua estrutura familiar integrou-se enrijecida sob o prisma da disciplina militarizada? E acrescente-se a isso, a ideia de que o moralismo era fundamentalmente a base para a caminhada cristã pentecostal, o que inclui a questão da hierarquia e submissão. (SOUZA, 2016, p. 21)

Apesar da postura vanguardista no que tange à educação formal e teológica, Gilberto Malafaia tinha uma postura de moralidade condizente com sua denominação no que diz respeito às estruturas familiares e a interpretação literal dos textos bíblicos.

Faz-se importante ressaltar que a Igreja Assembleia de Deus não constitui uma denominação homogênea, tampouco tem uma hierarquia única e linear. A AD no Brasil tem inúmeras subdivisões, algumas delas parte da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), da qual Malafaia fez parte, chegando a ser vice-presidente, outras parte da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (CONAMAD), e muitas outras independentes, não sendo parte de nenhuma convenção, sendo esse atualmente o status da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, presidida por Malafaia.

Tal divisão é relevante, pois não existe um líder máximo das Assembleias de Deus, como também não existe uma doutrina única e centralizada em algum manual ou conjunto de regras. As igrejas submetidas às convenções devem seguir normas de liturgia, usos e costumes e doutrina compatível com as da instituição, mas as igrejas AD independentes criam suas normas e doutrinas próprias, não estando submetidas a nenhuma autoridade superior ao seu

pastor presidente. A AD Penha, presidida pela pastor José Santos, sogro de Malafaia até sua morte, hoje sob o comando de Malafaia e com novo nome, é reconhecida como vertente assembleiana de usos e costumes mais moderados, enquanto a AD Ministério Madureira, é reconhecida por sua rigidez, que se afrouxa no decorrer dos anos, mas ainda é maior do que outras vertentes. (BRANDÃO, 2017).

Gilberto Malafaia ajudou a fundar em 1972 a Igreja Assembleia de Deus de Jacarepaguá, na zona oeste do Rio de Janeiro, juntamente com alguns dissidentes da Igreja Metodista Wesleyana e com o apoio de políticos da época, que eram apoiados por ele em suas candidaturas e mantinham uma relação de ajuda mútua com a igreja. Nessa época uma nova classe média se formava nos entornos da região, muitos deles aderindo à igreja do pastor Gilberto, com quem tinham maior identificação discursiva e social, como afirma Brandão (2017).

Alguns fatores contribuíram para o crescimento da nova denominação. O primeiro deles se deu em função do rápido crescimento urbano e, com isso, o estabelecimento da classe média em Jacarepaguá. Soma-se a isso o apoio a políticos importantes como o do Senador Benjamin Farah e do deputado federal do Rio de Janeiro, Lysaneas Maciel, ambos receberam apoio da igreja durante suas campanhas e então, retribuíram os favores. (BRANDÃO, 2017, p. 16-17).

O público urbano das Assembleias de Deus também passa a contar com camadas da classe média, mais modernas, que não se ajustariam com facilidade aos costumes assembleianos mais antigos, a ascese e modéstia da vida do crente pentecostal estereotipado. Ter um pastor letrado, rígido em doutrina, mas com usos e costumes mais frouxos, acerca de vestimentas, consumo de indústria cultural e envolvimento com a política, é um atrativo maior para a nova classe média que se forma nos arredores de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca.

Conforme dito acima, apesar da Assembleia de Deus não ser uma denominação homogênea, existem duas convenções principais, as quais estão submetidas inúmeras igrejas locais. Nesse sentido, cabe dizer que existiu no século XX um estereótipo do crente assembleiano, diretamente ligado ao sectarismo, a falta de interesse e de envolvimento com as coisas seculares, a rigidez na maneira de se vestir e as muitas restrições de usos e costumes a que estavam submetidos. Outra característica marcante do estereótipo assembleiano é a maneira de falar, especialmente durante cultos e pregações. Tom de voz elevado, imperativo, crendo-se detentor da verdade última, do caminho para a salvação, rivalizando não apenas com a Igreja Católica, mas com outras denominações protestantes, especialmente aos não pentecostais, mais envolvidas com questões seculares e com usos e costumes mais afrouxados. Algumas dessas características se transformaram ao longo das décadas, mas outras permanecem, ainda que de

maneira distinta. Silas Malafaia em seu livro “Silas Malafaia em foco: o que pensa o pastor mais polêmico do Brasil sobre os mais importantes temas da atualidade.”, publicado em 2018, ainda dedica um capítulo intitulado “Adoração a Maria, Catolicismo, Idolatria”, em que faz afirmações sobre os motivos da Igreja Católica não fazer parte da verdadeira igreja de Cristo:

Quando alguma Igreja Protestante se predispõe a assinar um tratado ecumênico com a Igreja Católica, automaticamente está reconhecendo o papa, em vez de Cristo, como o líder supremo da Igreja, fechando os olhos para diferenças doutrinárias abissais contrárias à doutrina bíblica, destruindo a sua identidade com a Igreja primitiva e desprezando os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos. Em suma, está apostatando da fé genuinamente cristã. (MALAFAIA, 2018, p. 25).

Além disso, Malafaia também acredita que, “empunhando a bandeira da fraternidade, da tolerância e do amor entre os diferentes, visa à globalização e à promoção de um idioma, uma moeda e uma religião únicos, sob comando do Anticristo.” (*ibidem*).

Souza (2016) contextualiza a Igreja Assembleia de Deus no Brasil, demonstrando que em meados do século XX, rivalizar com a Igreja Católica era uma das principais características da denominação, que à época foi uma das precursoras na promoção da evangelização através da mídia impressa, com o jornal Boa Semente, que depois veio a se tornar o jornal Mensageiro da Paz. Ainda que parte considerável de seus membros não fosse alfabetizada, ter um jornal era motivo de distinção social, segundo a autora. Com isso, a igreja proibia seus membros de usarem o rádio, pois afirmava que a Bíblia e o jornal da igreja eram tudo que os fiéis precisavam para se manterem informados. O mesmo aconteceu com a televisão. Souza ressalta, porém que:

A despeito desta discussão, também é importante ressaltar que essa igreja pentecostal assembleiana é, em sua maioria, uma igreja de pobres. Quem teria a mínima condição de, neste momento, adquirir um aparelho de rádio, ou de televisão? Por uma ótica mais ampla: quantos brasileiros tinham acesso à TV nos anos de 1970? Rádio e TV eram fenômenos que serão enfrentados mais pelo *assembleianismo urbano* e muito menos pelo *assembleianismo rural*. (SOUZA, 2016, p. 31. Grifo da autora).

Sendo assim, nos anos de 1950 e 1960, a Convenção Geral das Assembleias de Deus chegou a proibir oficialmente o uso de rádio e TV, sob pena de exclusão do membro que não cumprisse a ordem.

Apesar de oficialmente proibida pela denominação, a família Malafaia, sendo parte da classe média urbana e letrada, fazia uso de TV e rádio, e Silas apresenta, aos 15 anos, segundo seu irmão Sergio, o desejo de evangelizar pela TV.

Certa vez, quando ele tinha talvez, uns 15 anos, olhou pra mim e disse: “Sergio, um dia vocês vão me ver ali”, e apontou para a televisão. Eu dei a maior força pra ele e falei: “Se Deus quiser isso pra sua vida, nós vamos te ver sim, mano; você vai conseguir”. (COSTA, MALAFAIA, 2012, p. 140).

Com influências modernas e tradicionais, Silas Malafaia torna-se um jovem crente assembleiano proeminente e ambicioso. Nessa mesma época, em que disse ao irmão que seria um televangelista, Silas afirma ter recebido “o chamado” de Deus para o ministério pastoral, conforme relata em entrevista à Daniela Pinheiro. “É como um estalo. De repente tudo passa a fazer sentido. Você consegue integrar emocional, o intelectual, o psicológico, você entende porque você está aqui. É uma coisa muito forte e muito pessoal.” (PINHEIRO, 2011, p. 27).

Até Gilberto Malafaia se tornar pastor em Jacarepaguá, toda a família Malafaia fazia parte da membresia da Igreja Assembleia de Deus da Penha, zona norte do Rio de Janeiro, presidida pelo pastor José Santos, que viria a ser o sogro de Silas Malafaia e um grande mentor. Malafaia afirma que seu pai e seu sogro foram suas duas grandes escolas de vida. (BRANDÃO, 2017). Aos 16 anos Silas se torna o líder dos jovens da igreja, “começou a promover evangelismo de rua sobre carroceria de caminhão e palcos improvisados.” (SOUZA, 2016, p. 22). Mesmo com a criação da igreja de seu pai, Silas permanece na AD Penha, onde conhece, aos 14 anos, sua futura esposa Elizete, filha do Pastor José Santos, presidente da igreja.



Figura 5: Instagram Silas Malafaia – 19 de outubro de 2019

Liderando os jovens da igreja criou o Coral Renascer, onde tocava bateria, e saíam em uma Kombi para evangelizar pela cidade e fazer apresentações musicais. Nessa época Malafaia começa a pensar na possibilidade de levar o coral ao rádio, para que tenham mais projeção e vendam mais LPs. Enquanto cumpria na igreja o que crê ser sua vocação, Malafaia trabalhava

como operador de mimeógrafo no Instituto Bíblico Pentecostal.

Casou-se com Elizete em 1980, sua única namorada, e dois anos depois se tornou pastor auxiliar na AD Penha, nomeado por seu sogro. No mesmo ano de sua nomeação, Malafaia decide dar um importante passo para realizar seu antigo desejo de estar na televisão. Sob influência de televangelistas americanos que eram retransmitidos no Brasil.

Quando eu tinha cerca de 20 anos de idade, comecei a interessar-me pela televisão. Naquela época, eram exibidos no Brasil programas de televangelistas americanos, e eu ficava fascinado com o poder de alcance da Palavra de Deus pregada pela TV. Comecei a procurar oportunidades de entrar naquele veículo para levar a mensagem do evangelho. (COSTA, MALAFAIA, 2012, p. 15).

Segundo Pinheiro (2011), Malafaia vendeu um carro, pediu dinheiro emprestado e contou com a ajuda do empresário evangélico Sotero Cunha para comprar seu primeiro horário na TV Record. Em sua autobiografia sua esposa Elizete conta que recebeu uma proposta da emissora para conseguir mais evangelistas para comprarem horários, desse modo ganharia comissão sobre os horários vendidos. Com o dinheiro da comissão, ela afirma ainda que o marido passou a ele mesmo comprar horários na TV e revender a outros pastores. Segundo ela foi assim que a situação financeira do casal melhorou. Malafaia também afirma em sua biografia que nessa época não recebia salário na AD Penha, e vivia exclusivamente das doações e lucros de seus programas, e das pregações e conferências que fazia pelo país, chegando a pregar 90 vezes em 70 dias para conseguir pagar as contas.

O primeiro programa, chamado Renascer, mesmo nome do coral em que tocava bateria na igreja, era feito em formato simples, com uma pregação de 15 minutos e anúncio dos patrocinadores. Nessa época, segundo Brandão (2017), que analisa a mudança discursiva de Malafaia no que se refere à Teologia da Prosperidade, o pastor era contrário a tal doutrina:

Silas Malafaia ainda adverte que: “Prosperidade é você viver alegre, cheio de paz, cheio de felicidade, mesmo morando numa casinha simples, mesmo pegando ônibus, mesmo vivendo em dificuldade, você tem alegria, você tem prazer de viver, isso é prosperidade.”. Esse fragmento é uma pequena demonstração de que no início, Silas Malafaia era contrário a Teologia da Prosperidade. (BRANDÃO, 2017, p. 12).

Brandão afirma que Malafaia possuiu “capacidade de adaptação e adequação junto às constantes mudanças do panorama social em que está inserido.” (*ibidem*), e sua adesão à Teologia triunfalista e de confissão positiva, com tom de autoajuda, como já discutido no capítulo anterior, são uma demonstração clara desse argumento. Porém no que diz respeito às questões sociais como direitos de pessoas LGBTQI+, mulheres e demais minorias, Malafaia ainda mantém seu tom de pastor assembleiano tradicional, que prega contra a corrupção moral

das coisas mundanas.

## 2.2 - “O pastor mais polêmico do Brasil”

Para as igrejas protestantes brasileiras a década de 1990 foi bastante importante, e conhecida como a década do movimento gospel. Muitas bandas de rock e demais estilos musicais considerados mundanos, surgiram no cenário gospel, com letras de evangelização em ritmos antes não imaginados. É também a década de grande crescimento do televangelismo brasileiro, com muitas igrejas, pastores e missionários com horários na TV, além do uso ostensivo do rádio, já praticado nas décadas anteriores. Nesse cenário, o programa de Silas Malafaia na TV Record é campeão de audiência, já com formato mais sofisticado, com atrações musicais, sempre da Gravadora Central Gospel, criada por ele nos anos de 1990. Em 1993 Silas Malafaia cria a Associação Beneficente Evangélica Renascer, voltada para ações sociais e de filantropia, atualmente nomeada Associação Vitória em Cristo. Além da gravadora, a Central Gospel também é uma editora de livros religiosos, parte deles escritos pelo próprio Malafaia. Com tais empreendimentos, Malafaia se firma como um homem de negócio bem sucedido, além de um pastor conhecido do público não somente assembleiano, mas também de outras denominações. Segundo Brandão (2017), Malafaia faz uma parceria com um banco para vender Bíblias em seu programa, parceladas em muitas vezes, como parcelas de cartão de crédito, o que fez sua editora ter um salto enorme de vendas. Algumas dessas Bíblias eram comentadas, dando foco a diferentes temáticas.



Figura 6: Site oficial da Associação Vitória em Cristo

Segundo Paul Freston (1993), existem elementos diferenciados em Malafaia, que merecem destaque:

Malafaia destoa do pastor assembleiano típico. Em estilo contundente e linguagem coloquial, critica o próprio meio evangélico, especialmente seus exploradores. Tem respaldo para isso: é filho de pastor eminente, fez o caminho alternativo para o pastorado na AS (seminário) e não depende financeiramente da igreja, sendo dono de agência de publicidade evangélica. (FREESTON, 1993, p. 142).

A linguagem coloquial, o estilo verborrágico, não são comuns no meio assembleiano, apesar do discurso inflamado ser uma característica predominante da denominação. Malafaia traz para o sermão questões da vida cotidiana, além de não poupar críticas nem mesmo aos colegas pastores caso considerasse suas condutas criticáveis. Na reportagem da Revista Piauí, por Daniela Pinheiro, publicada em 2017, em seu programa Malafaia “falava de pastor safado, de evangélico falso, de político corrupto”, portando-se como defensor da moral cristã, detentor da palavra da verdade, portanto autorizado a fazer tais críticas e colocações, além de debater todo tipo de questão social em seu programa, para além de sermões bíblicos, porém, supostamente, todos os assuntos são tratados à luz da Bíblia.

Brandão (2017) afirma que não são apenas as “habilidades argumentativas” a razão do sucesso de Malafaia na TV, mas também de uma educação de base cristão sólida, que lhe dá firmeza e autoridade, eloquência na forma de falar, o que seduz o público e produz engajamento.

E por último, mas não menos importante, é importante destacar que diante de tais fatos tem-se a impressão de que Silas Malafaia se vale do poder que a mídia possui de criar atores e objetos que possam representar parcela da sociedade que se sente desprovida de heróis. (BRANDÃO, 2017, p. 33).

Dessa maneira, inclusive as críticas, sempre contundentes e inflamadas, dão ao expectador a ideia de busca por justiça e verdade em uma sociedade com valores morais deteriorados, tratando de assuntos políticos e sociais em forma de alerta e denúncia. Por ter formação em Psicologia, concluída em 1997 na Universidade Gama Filho, junto da esposa Elizete, Malafaia também toca em temáticas com pretensão discurso científico, buscando validade para além do campo religioso. Desse modo, como afirma Koren (2016), o programa de televangelismo de

Malafaia nos anos de 1990 evoca conteúdos de “bem-estar emocional e resolução de problemas” (p. 12), como uma espécie de autoajuda cristã, já desenvolvida no capítulo anterior.

A aparência física do pastor também sofre mudanças perceptíveis, que parecem ser uma adequação à modernidade, típica de figuras públicas que passam anos diante das câmeras. Malafaia fez implante capilar (BRANDÃO, 2017) e deixou de usar seu característico bigode, sobre o que ele afirma: “O cara que corte meu cabelo disse assim pra mim: ‘Pastor, você já observou que caras que usam bigode estão acima de 45 anos? A não ser que seja com um cavanhaque, uma barba. O bigode envelhece pelo menos 10 anos?’.” (MALAFAIA, 2018, p. 200).

Cabe aqui ressaltar, que apesar da formação em Psicologia e da pretensão de uma validade científica no que diz, Malafaia aplica o que afirma ser ciência da maneira que lhe apraz, e que vá de encontro às suas crenças religiosas e seus valores cristãos. Em livro publicado em 2018 dedica todo um capítulo à temática “Cura interior”, em que faz afirmações destoantes ao que está convencionado na Psicologia enquanto campo do conhecimento. O capítulo de menos de quatro páginas responde a três perguntas.

Como nossa alma adocece? Há várias fontes produtoras de doença emocional: uma família mal estruturada e violenta, a cultura secular, uma religião legalista, opressão maligna e até a própria pessoa. [...] Para fugir do sofrimento emocional, muitos se viciam em antidepressivos, calmantes e remédios para dormir. Eles não querem investigar a raiz do problema e resolvê-lo. [...] Entretanto, se combatessem o foco do problema e recorressem à ajuda de Deus, certamente resolveriam. (MALAFAIA, 2018, p. 46, 47).

Apesar de a pergunta inicial usar o termo “alma”, a resposta trata de falar de adoecimento emocional, como “neuroses/transtornos de humor, fobias, síndrome do pânico e doenças psicossomáticas” (p. 46), todas doenças tipificadas pela Organização Mundial de Saúde como patologias<sup>5</sup>, passíveis, portanto, de tratamento terapêutico. A resposta do pastor para tais questões diz respeito à ajuda de Deus. Dando sequência ao capítulo, ele responde à segunda pergunta.

Como se dá a cura interior à luz da Bíblia? O que as pessoas com doenças na alma precisam saber é que a maioria dessas enfermidades não deveria ser tratada com remédios, mas, sim, com a palavra de Deus e com a “terapia da oração”. [...] A palavra de Deus é remédio para os problemas que afligem nosso ser. [...] As Escrituras são fonte terapêutica extraordinária porque a Palavra de Deus trabalha no íntimo do homem, [...] onde Freud e qualquer outro psicanalista ou psicólogo, gostaria, mas jamais penetrou. (p. 47).

E por fim, a última pergunta e resposta do capítulo.

O cristão pode procurar a ajuda de um terapeuta? Sim. Às vezes, a pessoa precisa da ajuda de um terapeuta, alguém formado em psicologia, preparado para conduzi-la em uma análise. [...] Contudo, é bom lembrar que, por mais perspicaz e eficiente que seja o terapeuta, ele não é onipotente nem onipresente, tampouco o dono da verdade. Ele pode formular hipóteses falsas para o problema. [...] A terapia divina é totalmente diferente da humana. Com Deus nunca há antipatia, só empatia. [...] Quando alguém dobra os seus joelhos para orar, falar com o Altíssimo, que é onisciente e onipotente, sobre o que o está incomodando, machucando, ferindo, o que está dentro da sua alma, imediatamente o processo de cura é iniciado. O Senhor tem poder de curar depressão, angústia, tristeza, traumas. (p. 48, 49).

Novamente citando patologias reconhecidas, Malafaia fala como pastor, com a autoridade para responder se um cristão pode ou não buscar intervenção terapêutica para um problema de saúde,

<sup>5</sup> Disponível em: << <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>>> acesso em 22 de novembro de 2020.

além de indicar a forma de tratamento. Fica claro nos pontos citados acima, que o discurso de Malafaia privilegia sua crença religiosa em detrimento da formação acadêmica que afirma ter, e que os fiéis são encorajados a pensar em saúde mental necessariamente vinculada à vida espiritual, passível de ser tratada com oração e leitura da Bíblia.

Do mesmo modo, quando vai se referir aos papéis sociais de gênero, apesar de afirmar que o ser humano é um “ser sociológico”, os papéis sociais devem ser os bíblicos: “De um modo geral, podemos afirmar que o homem é mais lógico e racional do que a mulher. O papel social dele, designado por Deus em Gênesis 2.15 é proteger, prover e liderar a família.” (p. 74). Afirma que “a mulher foi criada com intuição e sensibilidade mais aguçadas que as do homem, para equilibrar os relacionamentos familiares”, “tanto na educação dos filhos, como no relacionamento conjugal e nas tarefas domésticas, a mulher edifica a casa.” (p. 75). A divisão sexual do trabalho e os papéis sociais de gênero estão todos ancorados em uma interpretação bíblica literal, ainda que termos como “sociológico” apareçam no contexto. Não existe espaço para dúvidas e interpretações diferentes dos fiéis leitores quando Malafaia diz que “podemos afirmar” algo. O uso de termos e jargões de diferentes áreas do conhecimento de maneira equivocada e fora de contexto, junto da autoridade pastoral e da firmeza do discurso, podem dar ao fiel leigo em tais questões, a falsa ideia de que as posições do pastor têm amparo científico, além de bíblico.

Os exemplos citados acima, publicados em livro recente, podem ser vistos também em seus programas de televisão, principalmente a partir da década de 1990. Malafaia levanta temáticas polêmicas como descriminalização do aborto, uso de células tronco, relacionamentos homoafetivos, e até mesmo OVNI, e fala sobre todos eles com a propriedade de um especialista. É importante lembrar que a década em questão é marcada por polêmicas como a clonagem da ovelha Dolly, as discussões do Vaticano sobre o uso de células tronco, a suposta aparição do ET na cidade de Varginha – MG. Todas essas eram pautas que geravam comoção e engajamento, e o programa de Malafaia não ficava de fora das discussões e polêmicas.



Figura 7: Foto divulgação

Os anos de 1990 também foram marcados pelo início e rápida popularização de programas policiais violentos, como Cidade Alerta, no ar desde 1995 pela TV Record, entre outros do mesmo gênero, que tem como marca o discurso inflamado de seus apresentadores, a reprodução de cenas quase explícitas de violência urbana, além do discurso de justificação e denunciamento<sup>6</sup>. O tom de urgência, a narrativa fervorosa de seus apresentadores, o uso de linguagem coloquial, muitas vezes pejorativa, com uso constante de palavras como “vagabundo”, e a suposta busca por justiça pode ser facilmente comparada à tônica de pastores polêmicos e verborrágicos como Silas Malafaia.

Em 1997, mesmo ano em que se forma em Psicologia, Malafaia cria o Congresso Pentecostal Fogo para o Brasil, inspirado em mega congressos pentecostais da América do Norte, Malafaia promove anualmente uma grande reunião de crentes pentecostais em busca de palestras, devocionais, grandes pregações, ministradas por ele e por outros pastores brasileiros e estrangeiros (idem). Atualmente a Associação Vitória em Cristo também promove outros congressos, escolas de líderes e demais eventos religiosos no Brasil e no exterior, de acordo com o site da instituição, os eventos promovidos são Escola de Líderes da Associação Vitória em Cristo, Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil, Curso de Preparação para Educadores Cristãos, Cruzada Vida Vitoriosa Para Você, além do congresso já citado.



Figura 8: Foto divulgação

Os anos de 1990 também são marcados pelo crescimento da participação dos evangélicos, em particular os pentecostais, na política eleitoral brasileira. Leonildo Silveira Campos (2002) afirma que os protestantes históricos já participam ativamente da política

<sup>6</sup> Para mais informações sobre o tema, consultar: <<<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/39072>>> acesso em 22 de novembro de 2020.

brasileira desde o início da República, porém o autor destaca que não havia um movimento evangélico organizado visando a formação de algum bloco político, mas sim indivíduos advindos de proeminentes famílias com capital econômico e social, capaz de prover aos seus filhos educação formal e elevá-los às câmaras municipais e assembleias legislativas. De acordo com Campos, somente a partir das eleições Constituintes de 1934 houve alguma organização para a eleição de parlamentares protestantes, vindos de igrejas históricas, como Metodista e Presbiteriana. As igrejas pentecostais, já instaladas no Brasil desde a primeira década do século XX, à época repudiavam e condenavam qualquer envolvimento com a vida secular.

Nesse trabalho, Campos explora a transição ocorrida ao longo do século XX, de “políticos evangélicos” a “políticos de Cristo” (p.2), quando o uso da comunidade protestante passa a ser explorado para fins eleitorais. A primeira igreja pentecostal a eleger deputados foi O Brasil Para Cristo, na década de 1960, no período em que a suposta ameaça comunista passa a ser agenda de políticos conservadores, Campos afirma que:

[...]dentro desse novo quadro, ser um “político evangélico” era mais do que ser anticatólico, era preciso ser ferrenhamente anticomunista. Depois dessas primeiras gerações de “políticos evangélicos”, surgiu uma nova leva de políticos eleitos pelos protestantes para a Constituinte de 1988. (CAMPOS, 2002, p. 6).

Com discurso legitimado por uma suposta “escolha divina” (p. 7), no período de reabertura democrática do país, que coincide com o período de crescimento pentecostal e do grupo que aqui tratamos de neopentecostal, adeptos da Teologia da Prosperidade e da Confissão Positiva, o envolvimento na vida secular deixa de ser condenável e passa a ser desejado e articulado por grupos religiosos.

Assim apareceram as “bancadas evangélicas”, formadas pelos “políticos de Cristo” de origem pentecostal, possibilitando reforçar o velho sonho sectário: *eleger um Presidente da República evangélico*. Trata-se, porém, de um sonho com lastro messiânico-milenarista, no qual há sempre o “salvador da pátria”, no caso, um “político de Cristo”, o qual iniciará uma “nova estirpe” elitista. (*ibidem*)

Dezoito anos após a publicação do trabalho de Leonildo Campos nos anais da ANPOCS 2002, o trecho acima destacado pode soar como uma previsão do que seria a política brasileira do decorrer das próximas décadas, a partir da influência pentecostal nas eleições para todas as esferas.

Wanderley Pereira Rosa (2020) em sua análise da atuação pentecostal na Constituinte de 1988 destaca que os evangélicos há muito já se envolviam na política, mas que foi a partir da Assembleia Constituinte que as articulações supradenominacionais passam a ser feitas,

resultando em um aumento significativo desse segmento na política partidária:

Entre 1933 e 1987, 50 parlamentares se identificavam como protestantes, sendo 94% deles ligados a denominações históricas e 6% representados por pentecostais. Entre 1987 e 1992, foram eleitos 49 candidatos evangélicos, sendo 45% representados por denominações históricas e 55% por pentecostais. Portanto, num período de cinco anos foi eleito praticamente o mesmo número de parlamentares evangélicos que nos 54 anos anteriores. (ROSA, 2020, p. 30).

A baixa participação pentecostal na primeira metade do século XX está de acordo com a doutrina sectária dessas igrejas, defendida com veemência pela maioria das denominações do pentecostalismo tradicional. Os números acima demonstram o impacto e a mudança que o neopentecostalismo traz para o cenário político brasileiro. No ano de 1986, o assembleiano Josué Sylvestre lança o livro “Irmão Vota em Irmão”, incentivando os crentes a elegerem seus irmãos na fé, em defesa dos interesses das igrejas e da moralidade cristã como representatividade cidadã. Para ele, o crente que não vota em candidatos crentes “ele está colaborando para o fortalecimento de outras religiões e ideologias que ele, crente, considera erradas e fora dos ensinamentos bíblicos.” (SYLVESTRE, *apud.* idem, p. 32). As palavras de Sylvestre deixam clara sua motivação acerca da eleição de evangélicos. Ele chega a mencionar ainda o objetivo de levantar fundos parlamentares para as entidades ligadas as igrejas evangélicas:

Cada parlamentar federal, independentemente dos projetos que patrocina, das verbas especiais que consegue, às vezes somando milhões de cruzados em favor de obras sociais ligadas ou dirigidas por entidades de suas religiões ou ideologias, recebe, anualmente, no Orçamento da União, uma parcela de recursos que destina livremente para instituições registradas no Conselho Nacional de Serviço Social. (idem, p. 34).

As obras sociais, antes ocupadas majoritariamente por católicos e espíritas kardecistas, também passam a ser parte da agenda evangélica, o que se torna mais uma maneira de legitimação na esfera pública (CÉSAR, 2019).

Ainda sobre a Constituinte, é importante ressaltar que o posicionamento dos parlamentares evangélicos no que dizia respeito às pautas morais foi contundente, alinhados à direita, inclusive a parte dos católicos eleitos parlamentares, em defesa da família e da moral cristã:

O recurso à espiritualização é constante. Opor-se a vícios, aborto, homossexualismo, divórcio e afins é uma forma de afirmar que o “Brasil pertence ao Senhor Jesus”. Os líderes evangélicos teriam essa tarefa de resgatar o país das trevas e proteger a família. [...] Sua moralidade é tipicamente maniqueísta, do tipo “nós e eles”, os que estão do lado da Luz e os que são das Trevas. (ROSA, 2020, p. 35).

Porém é importante destacar que o que chamamos de evangélicos não forma, e nunca formou no país, um grupo homogêneo. Apesar de cada vez mais organizados em frentes suprapartidárias e supradenominacionais para a defesa de causas comuns, existem camadas de evangélicos identificados com a política partidária mais à esquerda e progressista. Na Assembleia Constituinte destaca-se a presença da deputada Benedita da Silva, pelo Partido dos Trabalhadores. Mulher negra, assembleiana e periférica, Benedita sempre confessou sua adesão religiosa, e não se alinhou a esta frente evangélica na Constituinte, bem como não se alinha à bancada evangélica em sua atuação como congressista.

Campos (2002) também faz importante observação sobre a década de 1990, o movimento gospel abrangia várias esferas da vida secular, e “de Cristo” passou a ser um adjetivo comum. “Dessa forma surgiram os “atletas de Cristo”, os “homens de negócios do evangelho pleno”, os “militares evangélicos”, “os homens de Deus” e os “políticos de Cristo””. (Campos, 2002). Nessa época também surgiram pagodes de Cristo, rock de Cristo, entre outros ritmos considerados profanos, que em muitos casos contavam com personalidades famosas, que usavam sua influência para falar de Deus em programas seculares.

Nessa fase a atuação política de Silas Malafaia passa a ser mais direta, participando ativamente de campanhas eleitorais, o então pastor vice-presidente da AD Penha se une a Edir Macedo, que após sua prisão, no ano de 1992, e após ter apoiado abertamente a candidatura de Fernando Collor de Melo em 1989, une-se a outras denominações, o que até então não havia ocorrido, organizando o Conselho Nacional de Pastores do Brasil, com o apoio de nomes importantes como o do Pastor Manoel Ferreira da Assembleia de Deus Ministério Madureira.

O elo de ligação entre todos tem sido a síndrome da minoria perseguida continuamente pela Igreja Católica. As eleições presidenciais de 1989 e 1994 e a busca de alianças anti-Lula se expressou por meio da ideologia da “construção da unidade da Igreja de Cristo”. Um evento que reuniu quase um milhão de pessoas, de uma série deles intitulado “Clamor pelo Brasil”, no Aterro do Flamengo, em 18.6.94, serviu para selar o compromisso de unidade, aproximando Edir Macedo e o pastor Nilson do Amaral Fanini, então presidente da Associação Batista Mundial, que estavam rompidos há vários anos. A partir de então, a Igreja Universal passou a buscar uma “unidade evangélica”, que em época de eleições se expressa na frase: “cristão vota em cristão” e, ambientada nas lutas contra a Globo, “cristão não critica cristão”. (p. 11)

O recém-criado CNPB rivalizava com a Associação Evangélica Brasileira (AEVB), presidida por Caio Fábio, e alegadamente alinhado a setores mais progressistas da sociedade brasileira, inclusive o Partido dos Trabalhadores e Lula. A AEVB foi criada em 1991, segundo Rosa (2020), como uma reação a atuação dos parlamentares evangélicos eleitos desde a Constituinte,

envolvidos em escândalos de corrupção, e também pelo posicionamento à direita de tais parlamentares. Ainda segundo Rosa, a entidade era muito dependente do carisma pessoal de um dos seus fundadores, o então pastor presbiteriano, e já citado, Caio Fábio D'Araújo Filho, que teve sua vida pessoal exposta em um escândalo de cunho íntimo, levando ao fim da AEVB em 1998.

Nas eleições presidenciais de 1989, Silas Malafaia esteve no Comitê Evangélico Pró Leonel Brizola, apoiando, desse modo, a candidatura de Lula no segundo turno daquelas eleições. Após sua aproximação com Macedo e a CNPB, ele escreve uma série de artigos para a Folha Universal, jornal da IURD, em que se revela que:

“Fiz isso com toda inteireza de coração, pensando que estava no rumo certo...” [Se arrependeu, diz ele e] “usando o intelecto, chegando (...) à conclusão que estava completamente errado (...) Neste momento (...) não vou votar em nenhum candidato que esteja comprometido com grupos religiosos que sempre perseguiram a Igreja de Cristo, e que também estão comprometidos com a ideologia marxista (...) Um presidente da República que possua idéias marxistas, e que tenha maioria no Congresso Nacional, pode muito bem modificar a Constituição do país e perseguir a Igreja de Cristo”. (MALAFAIA, *apud* CAMPOS, 2002, p. 12, 13).

No espaço cedido a Malafaia na Folha Universal ele também afirma que a palavra do pastor deve ser ouvida pelos fiéis a respeito de todos os aspectos da vida, pois segundo ele, o pastor não é uma pessoa comum.

“não é um cidadão comum. Ele é o homem de Deus tratado na Bíblia como o anjo da Igreja (...) tem autoridade espiritual para aconselhar o povo de Deus em todas as áreas da vida. Sua palavra jamais será a de um cidadão comum (...) que os pastores possam conduzir suas ovelhas da melhor maneira possível, porque existem muitos lobos querendo solapar a autoridade pastoral e, com isso, dispersar o rebanho. Que Deus nos guarde”. (*ibidem*)

Defendendo, assim, o direito da interferência pastoral sobre a escolha dos candidatos dos fiéis, ao menos no que diz respeito ao aconselhamento e influência sobre as escolhas que os membros da igreja devem fazer nas urnas. Nos citados artigos, todos publicados em 1994, Malafaia também ataca a Rede Globo, Lula, Fidel Castro, Caio Fábio e faz alarmantes previsões sobre a eleição de partidos de esquerda e uma suposta ameaça comunista.

Dessa forma, Silas Malafaia aumenta sua relevância na esfera pública, no debate político eleitoral, ao mesmo tempo em que se solidifica como homem de negócios, que promove congressos pagos, tem grande audiência na TV em um programa que, apesar das mudanças de canal de transmissão e de nome, nunca saiu do ar, desde 1982, presidente de uma fundação beneficente e dono de editora de livros, que dentre as publicações conta com até quatro livros por ano escritos por ele mesmo. (SOUZA, 2016).



Figura 9: Site oficial Associação Vitória em Cristo

Atualmente no ar em duas emissoras simultaneamente, Rede TV! e Band, Malafaia vai ao ar todos os sábados pela manhã com o Programa Vitória em Cristo. Segundo o site oficial da AVEC, é possível fazer contribuições em dinheiro a partir de R\$ 30,00 para a manutenção do programa. Os valores fixos de doação vão até R\$ 1000,00, mas é possível fazer doação de outros valores, além de haver a opção de ser um contribuinte mensal ou de doar somente uma vez. O programa é transmitido também como *Victory in Christ*, exibido, segundo o site da ADVEC, para Estados Unidos e África, dublado em inglês.

A partir do ano de 1999, Malafaia passa a defender abertamente a Teologia da Prosperidade e a Confissão Positiva (SOUZA, KOREN, BRANDÃO), apresentando uma virada em sua carreira e ministério, intensificando também sua participação e relevância no debate público. Nesse sentido, o próximo capítulo versará sobre a nova fase pessoal e profissional de Malafaia, a partir da virada do século XX para o XXI.

### CAPÍTULO 3 - “ACORDAMOS, SOMOS CIDADÃOS”

Assim como a década de 1990 foi de grande importância tanto para a trajetória de Silas Malafaia quanto para o movimento gospel brasileiro, além das mudanças políticas e sociais pelas quais o país passou nesse período, os anos 2000 também devem ser destacados, tanto no que diz respeito ao ministério do pastor, como em sua atuação política militante, bem como a “era PT”, que começa em 2003, após a primeira eleição de Luís Inácio Lula da Silva, e das disputas travadas na esfera pública entre líderes pentecostais proeminentes, como o ator dessa pesquisa, e movimentos feministas e LGBTQI+, tornando a participação política parte de uma estratégia de reprodução da moral cristã. (MACHADO, 2013).

Conforme exposto no capítulo anterior, Silas Malafaia já havia se consolidado como homem de negócios na década de 90, além de ter demonstrado sua importância na esfera pública, fazendo programas de TV de audiência não apenas confessional, mas também dos não crentes (PREUSS, 2015). Segundo Souza (2016), até 1999 o discurso televisivo de Malafaia era voltado para os crentes. A partir daquele ano, além do enfoque moral das pautas abordadas no programa, são acrescentados discursos de autoajuda e de bem estar emocional, além de prosperidade financeira, o que representa uma grande virada na carreira do pastor.

Autores como Gideane Souza (2016), Mateus Brandão (2017) e Jonas Koren (2016), afirmam que até o final dos anos de 1990, Malafaia era contrário a Teologia da Prosperidade, e que o ano de 1999 apresenta essa virada de adesão ao discurso de confissão positiva, com maior abertura para pedidos de doação em seus programas de televisão, e com a abordagem de temáticas que dizem respeito à prosperidade na vida do crente.

Teologia da Prosperidade. Isso nos Estados Unidos é lindo. Vem falar de Teologia da Prosperidade na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, vem falar! Teologia da Prosperidade na América? Dez. Abundância econômica, o maior país capitalista do mundo, está adequado. Agora vem falar? Vem falar de Teologia da Prosperidade no Zâmbia, na Angola, Guiné Bissau [...] Sabe, deixa eu dizer um pouquinho da Teologia da Prosperidade, sabe o que ela diz? E tem igreja no Brasil que segurou esse negócio com uma força que não é brincadeira. Ela diz: olha querido, se está acontecendo alguma coisa na sua vida, se você não é bem sucedido, ou é porque você não crê, ou porque tem algum problema na sua vida. Você está mal financeiramente você não tem fé. Isso é uma afronta, gente, isso é uma afronta! (MALAFAIA<sup>7</sup>, *Apud*. SOUZA, 2016, p. 92).

O trecho acima demonstra não somente o desprezo do pastor pela Teologia da Prosperidade, como uma visão politico-social de países como o Brasil que na década de 90

<sup>7</sup> Sermão comercializado em VHS. Datado da década de 1990. Site não disponibilizou a data assertiva. Visto em 25m 10s. Tema da mensagem: 4 tipos de pessoas que estão na igreja.

eram considerados subdesenvolvidos, onde a responsabilização do indivíduo por sua condição financeira e social não seria plausível. A não adesão à Teologia da Prosperidade condizia com as premissas teológicas das Assembleias de Deus, que mesmo não sendo uma denominação homogênea, como já citado neste trabalho, primou pelo sectarismo e pela modéstia desde que se instalou no Brasil. Atualmente a TP está difundida em algumas vertentes da AD, mas ainda existem pastores que condenam a mudança teológica. Em 2009, segundo o site Gospel Mais, Malafaia lançou junto com Mike Murdock, pastor americano adepto à TP, um programa de oferta voluntária de R\$ 1.000,00, chamado “Clube de 1 milhão de almas”<sup>8</sup>, pastores da AD reagiram de maneira negativa.

O Pr. Carlos Roberto Silva, vice-presidente executivo da Convenção dos Ministros da Assembléia de Deus do Estado de São Paulo e membro do Conselho de Doutrina da CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, condena a ‘Campanha da Semente de R\$ 1.000,00’ do Pr. Silas Malafaia e do Pr. norte americano Mike Murdock lançada em seu programa de TV. ‘Isso é no mínimo lamentável, vergonhoso e desonroso para a nossa denominação. O Pr. Silas Malafaia é hoje um ícone, talvez o único dessa estirpe em mídia nacional, pertencente à nossa querida Assembléia de Deus. A função por ele exercida no mais alto fórum da denominação assembleiana, bem como sua projeção midiática, faz com que ele seja copiado e seguido por muitos em suas peripécias doutrinárias. A carroça está descendo ladeira abaixo, em alta velocidade, sem freio e o pior de tudo: na banguela! Que Deus tenha misericórdia de nós!’ disse o Pr. Carlos Roberto. Já o Pr. Guedes, auxiliar da Igreja Evangélica Assembléia de Deus e Professor de Teologia da FAESP – Faculdade Evangélica de São Paulo, relata as implicações que a igreja sofre com campanhas como esta. ‘Primeiro, as pessoas passam a acreditar que com a “semente” lançada, estarão isentas de pregarem o evangelho, porque já fizeram a sua parte. Ou seja, repassaram essa responsabilidade ao evangelista da tv; Segundo, caem na mais nova falácia: semente e não oferta (ou semente como oferta). Ora, todos sabemos que a oferta é voluntária e não se espera retorno por doá-la, mas a semente tem em si a linguagem da colheita do fruto, logo, quem oferta não espera receber de Deus e nem O cobra, mas quem lança sementes terá, segundo essa teologia, o direito de cobrar de Deus os desdobramentos de seu plantio; Terceiro, muitos cristãos incautos que nunca contribuíram com suas igrejas locais, vêem-se “constrangidos”, “movidos” a contribuírem com o ministério do “homem de Deus”, visto que ele é o homem que Deus levantou para essa tarefa’, e completou: ‘esse tipo de teologia envenena nossa sã doutrina, causando danos em nossos posicionamentos doutrinários e teológicos. É elitista, discriminatória e põe Deus em uma tremenda “saia justa”, pois somente quem tem R\$1.000,00 é que pode ser abençoado. (REDAÇÃO GOSPEL MAIS, 08 de abril de 2010, disponível em <<<https://noticias.gospelmais.com.br/clube-de-um-milhao-de-almas-pastor-silas-malafaia-doutor-mike-murdock.html>>>, acesso em 29 de outubro de 2020.).

<sup>8</sup> <<<https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-silas-malafaia-oferta-voluntaria-clube-um-milhao-de-almas.html>>> acesso em 29 de outubro de 2020

Souza (2016) afirma que Malafaia, desde o início de sua carreira, tem seus objetivos traçados, a partir de suas referências e inspirações, mas também a partir de suas ambições pessoais, e a TP apresenta a estrutura discursiva mais adequada a seus anseios, e que vai “lhe render mais lucros e assim, poderia fazer melhorias internas”. (SOUZA, 2016, p. 92). “Este crescimento e mudanças conseguem acompanhar as alterações econômicas do país, uma vantagem a seus negócios.” (*ibidem*). Sobre a mudança de posição de Malafaia em relação à TP, Souza ainda afirma:

Os padrões mercadológicos da indústria cultural foram reestabelecidos e, para que estes padrões fossem atendidos, princípios e regras de racionalidade econômica tiveram que ser adotados, favorecendo o crescimento do ambiente midiático das igrejas através da profissionalização. [...] O seu posicionamento sobre este tema ganha um novo lugar. Ele passou não só a aceitar essa teologia como verdadeira, como passou a incluí-la em seus sermões e a comercializar em sua editora muitos livros sobre o tema. [...] Silas achou conveniente adequar seu discurso. (*ibidem*).

Com discurso que já falavam de bem-estar emocional, com tom de autoajuda, a TP teve fácil ajuste no ministério de Silas Malafaia. Em entrevista à Daniela Pinheiro para Revista Piauí, fica clara a mudança teológica do pastor: “antes era: céu, céu, lindo céu, quando eu morrer eu vou ter tudo, mas enquanto isso, aqui na Terra, eu serei um lascado, todo ferrado. Mas a Bíblia fala da vida abundante, de a pessoa conquistar e ser feliz aqui e agora.” (Pinheiro, 2011).

Segundo Mariano (1999), o bem-estar na vida terrena, e não apenas a espera da salvação no porvir, é o que diferencia a TP.

Com promessas de que o mundo seria *locus* de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas, a Teologia da Prosperidade veio coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação ao mundo de várias igrejas pentecostais aos valores e interesses do “mundo”, isto é, à sociedade de consumo. (MARIANO, 1999, p. 149).

A Teologia da Prosperidade não diz respeito apenas à vida financeira, mas à vida do cristão fiel como um todo. Saúde física e emocional, relacionamentos amorosos, vida familiar, trabalho e renda. O crente fiel, que obedece a Deus e seus mandamentos, que é fiel em sua contribuição com dízimos e ofertas, deve gozar de uma vida próspera em todos os aspectos. Adoecimento, pobreza, desemprego, divórcio, desavenças familiares, são vistos como fracasso pelos adeptos da TP. O mal que o cristão sofre está diretamente relacionado com sua conduta, fidelidade a Deus e à igreja. A TP, originada nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, chegou ao Brasil através de missionários estadunidenses, e cresceu de forma proeminente no país a partir dos anos de 1970. Os adeptos da Confissão Positiva são um grupo que crê que o mundo material é criado a partir do mundo espiritual, por isso as coisas boas devem ser ditas

em voz alta, para que sejam realizadas.

O termo Confissão Positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm poder – prometido nas Escrituras e adquirido pelo sacrifício vicário de Jesus – de trazer à existência, para o bem e para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em voz alta. [...] Desse modo, as bênçãos destinadas a Abraão e sua descendência – saúde física e riqueza material – tornaram-se disponíveis a todos nesta vida. (idem, p. 152, 153)

A Confissão Positiva e a Teologia da Prosperidade não são uma coisa só. Os pentecostais tradicionais também podem aderir à Confissão Positiva, com o dom de curas, por exemplo, em que através da palavra falada em voz alta e em nome de Jesus uma pessoa doente pode ser curada de sua enfermidade. Portanto é possível praticar a CP sem ser adepto da TP. Do mesmo modo, como já exposto no primeiro capítulo, a Teologia da Batalha Espiritual não é exclusividade dos pentecostais ou neopentecostais, porém, toma outros contornos a partir do uso de um repertório bélico (MARIZ, 1999; SANT’ANA, 2014) usado não apenas no que diz respeito à vida espiritual, mas também à vida cotidiana.

Silas Malafaia, que já praticava Confissão Positiva em seus sermões com temáticas de autoajuda, adere à TP em um contexto social favorável ao discurso de prosperidade, mobilidade social e empreendedorismo. Mesmo o fiel de origem mais pobre passa a enxergar a possibilidade de fazer parte do mercado de consumo, a partir do crescimento da chamada nova classe C, dos programas de transferência de renda e demais políticas que trouxeram perspectiva de melhora de vida para algumas camadas sociais brasileiras. A pobreza sempre foi um problema social brasileiro, porém foi na última década do século XX, a partir da valorização das vitórias individuais pela mídia e pelo governo que a população das classes mais baixas passou a vislumbrar a possibilidade de ascensão social. (LIMA, 2010, p. 356).

A busca do novo céu e da nova terra, fora do mundo e da história, é uma opção limitada e não mais atrai a totalidade dos excluídos econômica e socialmente. Há, neste momento, uma massa emergente de indivíduos que se sentem à margem do mercado, querem usufruir do conforto proporcionado pelo consumo e, por tal motivo, optam por uma ética centrada no “aqui-e- agora”. (CAMPOS, 1999, p. 135)

No ano de 2009, Malafaia faz o lançamento da “Bíblia da Batalha Espiritual e da Vitória Financeira” pelo preço de R\$ 900,00. A Bíblia contém comentários do pastor Morris Cerullo, estadunidense também adepto da TP. A justificativa para o custo da Bíblia era a arrecadação de fundos para a manutenção de seus programas. Segundo o portal Gospel Mais, o pastor Malafaia adquiriu seu avião particular, no valor de 14 milhões de dólares, semanas após o lançamento da Bíblia.

É um equívoco dizer que os evangélicos têm opção pelos pobres, porque Jesus

veio pelo homem, pelo ser humano. Ele morreu por todos. Jesus recebeu Nicodemos, um príncipe dos judeus, e atendeu o que tinha de pior na sociedade judaica, que era o leproso, e chegou a tocar no camarada. Jesus não fez opção por pobres. Para mim, muitas coisas da teologia da libertação, por exemplo, são incríveis, fantásticas, interessantíssimas, importantíssimas. Para o povo que está vivendo à margem, é algo fenomenal. Agora, quando se faz uma afirmativa teologicamente conclusiva de opção pelo pobre, eu discordo. (MALAFAIA, 2018, p. 66).

No trecho acima, fica clara a mudança de opinião de Malafaia acerca da escolha teológica pelas pessoas mais pobres. Diferente do que ele diz, na década de 1990, como citado acima, o pastor não mais menciona a distinção social da população brasileira, o que condiz com a nova narrativa de adesão à TP.

No ano de 2016, Silas Malafaia foi alvo de condução coercitiva em uma ação da Polícia Federal de São Paulo<sup>9</sup>, em uma operação chamada de Operação Timóteo, fazendo referência ao personagem bíblico, por conta de um cheque de R\$ 100.000,00, recebido pelo pastor, supostamente como uma oferta feita por um advogado que veio a ser preso pela PF nesta operação, acusado de fraude, entre outros crimes. Sua condução à sede da PF em São Paulo atraiu os holofotes, segundo relatado em seu livro, por pedido dele próprio: “Convoquem a imprensa para a porta da Polícia Federal em São Paulo. Vou prestar depoimento. Digam que vou falar com a imprensa. Não vou me esconder atrás de advogados nem de “militontos”, como fazem os esquerdopatas.” (MALAFAIA, 2018, p. 32). Ele ainda acrescenta: “Quando cheguei em frente à Polícia Federal de São Paulo, pensei que eu fosse o Michael Jackson ou o Mick Jagger.” (*ibidem*).

Em um capítulo dedicado a este episódio de sua vida pública, Malafaia discorre sobre o acontecimento, dando sua versão dos fatos, sendo este um dos capítulos mais longos do livro em que ele se propõe a tratar dos “mais importantes temas da atualidade”.

Uma condução coercitiva é um negócio terrivelmente constrangedor, e foi, diga-se de passagem, ilegal, pois os dois artigos da lei dizem que, para que seja feita uma condução coercitiva, são necessárias duas coisas: a primeira é quando uma testemunha não quer se apresentar, e a segunda é quando um acusado não quer se apresentar. Eu não me enquadrava em nenhum desses casos. [...] Portanto, praticaram um ato ilegal contra uma pessoa que não tinha nenhuma dívida com a justiça, cuja ficha sempre foi limpa, que nunca esteve envolvida em pilantragem. (*ibidem*)

Malafaia acredita ter sido alvo de perseguição, e que ocorreu, pois “Deus me levantou como uma voz profética. Sei que o diabo tem uma sede imensa de me desmoralizar, de me levar a

<sup>9</sup> Disponível em: << <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/12/pf-faz-operacao-contras-fraudes-em-royalties-da-exploracao-mineral.html>>> acesso em 22 de novembro de 2020.

perder minha força diante da opinião pública, evangélica e secular.”. (idem, p.36). E continua: “Eles nos abominam ao constatarem o crescimento e a influência da igreja evangélica em nosso país”. (p. 38). Com estas palavras, fica claro que o pastor valoriza o lugar que ocupa na esfera pública, na vida secular, e que compreende a atuação evangélica para além do campo religioso. “O nome da operação, Timóteo, também foi criado para me atingir, pois eu sou pastor” (p. 33).

No decorrer do capítulo Malafaia também menciona a condição financeira de sua igreja “minha igreja é uma igreja de renda forte, tem muito dinheiro em movimento.” (p. 35), e a sua, pessoal, “recebo ofertas maiores do que aquele cheque de 100 mil reais” (p. 33), dizendo declarar tudo ao Imposto de Renda, e defendendo o direito de, como um líder religioso, receber ofertas conforme as condições e a vontade de seu público.

### 3.1 - Crente-cidadão

Como já visto anteriormente neste trabalho, Silas Malafaia amplia sua atuação para além do campo religioso, inserindo-se no mercado de consumo, nas mídias e também nos debates políticos e sociais. A década de 1990 foi momento importante da carreira do pastor, assim como a virada para os anos 2000 e a adesão aberta à TP. Porém, o ano de 2010, também representa um grande divisor de águas em sua carreira e atuação pública.

Em 2010 morre o pastor José Santos, sogro de Malafaia e presidente da AD Penha. Apesar de o pastor Santos ter filhos pastores, Malafaia assume, com o apoio de toda a família, a presidência da igreja, que logo passa a se chamar Assembleia de Deus Vitória em Cristo, mesmo nome de seu programa televisivo e de sua associação.

A essa altura, além de um homem de negócios, Malafaia já tinha papel importante na esfera pública em debates políticos sobre pautas morais, como descriminalização do aborto, união igualitária, direitos da população LGBTQI+, células-tronco entre outros temas, demonstrando interesse por questões seculares. Em 2008 liderou manifestações públicas em frente ao Congresso Nacional em Brasília, contra o Projeto de Lei 122 de 2006.<sup>10</sup> Malafaia convocou o ato justificando ser

Um ato pacífico e democrático em favor da liberdade de expressão, da liberdade religiosa, contra a pedofilia e o Projeto de Lei nº 122/06, é assim que o pastor Silas Malafaia convocou a sociedade brasileira para participar da manifestação que acontece hoje às 14h na frente do Congresso Nacional.

<sup>10</sup> O Projeto de Lei 122 de 2006, de autoria da então deputada federal Iara Bernardi, do Partido dos Trabalhadores, dispunha sobre a criminalização da homofobia, e ficou conhecido como Lei Anti-homofobia. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>> acessado em 08 de novembro de 2020.

Chamada de lei da Mordaza, por seguimentos religiosos, o Projeto de Lei Complementar 122/2006, que tramita no Senado, têm preocupado a liderança religiosa do Brasil, pois, se aprovado com o texto original a lei limitará a pregação religiosa no país fechando templos e levará a cadeia pregadores católicos, evangélicos, islâmicos e de outras religiões que tenham como princípio o relacionamento hétero sexual e desaprovem a prática homossexual.<sup>11</sup>

Em uma cruzada moral pelo que ele chama de valores cristãos e da família, Malafaia começa a elencar seus inimigos, que também seriam inimigos do que ele chama de povo de Deus. “Petralhas, comunistas e esquerdopatas” (KOREN, 2016) são termos, por vezes neologismos, que passam a fazer parte do discurso do pastor, assim como a preocupação com o “homossexualismo e a destruição da família” (idem). Parte importante da atuação política do pastor na esfera pública se dará acerca dessas temáticas, e, desse modo, se alinha às pautas de uma agenda conservadora de direita, contra os supostos inimigos da família e da pátria.

No campo da sociedade civil, o ator religioso que mais se envolveu em conflitos com o movimento LGBTT do Rio de Janeiro nesse período foi, sem dúvida alguma, o pastor Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Nos últimos cinco anos, esse pastor combateu sistematicamente na mídia eletrônica as demandas de união civil e o PL 122, e em 2010, lançou mão de outdoors instalados nas grandes avenidas da capital do estado para difundir suas opiniões com relação à sexualidade humana e tentar influenciar as comunidades evangélicas naquele ano eleitoral. (MACHADO, 2012, p. 44).

No ano de 2010 o pastor apoia abertamente o candidato do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) José Serra, contra a candidata do PT, Dilma Rousseff, ainda sob o argumento do PL 122/06, de autoria de uma deputada deste partido. Participando ativamente de debates em programas de rádio, TV, Malafaia abraça a militância pelo que ele denomina ser a “família tradicional”:

Quando falo de família tradicional, falo do homem, da mulher e da sua prole. Essa é a família nuclear. Nessa hora, não estou falando de teologia, mas de história, de toda a história da civilização humana, a qual é sustentada na família nuclear. Deus não criou dois homens ou duas mulheres para criar uma criança. Deus fez um homem e uma mulher para ser pai e mãe, é nisso que eu creio. (MALAFAIA, 2018, p. 82).

É possível observar no trecho acima, extraído de um livro onde o pastor se dedica a versar sobre temas polêmicos de forma breve e superficial, o que Maurício Júnior chama de alteração do código gramatical” (2019), quando o pastor cita a “história”, com letra minúscula,

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.al.pb.leg.br/1922/nivaldo-participa-de-manifestao-contra-pl-12206.html>> acesso dia 08 de novembro de 2020.

para buscar validade secular em sua tese. Ele afirma não falar de teologia, também com letra minúscula, mas sim de história, alterando o código gramatical entre religioso- político, religioso-científico, logo depois voltando ao religioso, falando para quê Deus fez o homem e a mulher.

Tal maneira de atuar, com as trocas de código gramatical, passa a ser o *modus operandi* do pastor Malafaia, entre pregações, programas de TV, livros, participação em debates, até mesmo na Câmara dos Deputados<sup>12</sup>, demonstrando sua relevância na esfera pública e no debate secular, ainda que sua militância seja motivada por razões e crenças religiosas, o pastor busca usar argumentos supostamente seculares e até mesmo científicos para se validar fora do campo religioso. Dessa forma, sua atuação no que seria estritamente do campo religioso, como por exemplo, a “Marcha para Jesus”, também se torna momento de ativismo político. Deve-se destacar que o entendimento de que a Marcha seria, em teoria, restrita ao campo religioso, se dá, não apenas pelo nome do evento, mas também pela proposta de evangelização e declaração de fé; a despeito das motivações outras que podem existir por parte de seus idealizadores e promotores. Porém, como pode-se ver na análise feita por Sant’Ana (2014), o evento extrapola apenas o campo religioso, e pode ser uma chave para pensar os “evangélicos” no Brasil.

Nosso objetivo, como cristãos, é fortalecer a família, que tem sustentado a civilização humana e que foi instituída por Deus. É por esse motivo, que fazemos manifestações e eventos, como a Marcha para Jesus, por exemplo. Também fazemos atividades, cultos, encontros voltados para o ensinamento da Palavra aos casais, às crianças, aos adolescentes. Nosso intuito é sempre propagar o valor da família aos olhos de Deus e o importante papel que ela exerce na sociedade. (*ibidem*)

Mais uma vez podemos ver a troca de código gramatical, ou talvez nesse trecho, o uso de dois códigos gramaticais de forma simultânea: o secular, onde a família seria o sustentáculo da civilização humana, e o religioso, onde a família é instituição de Deus. Nessa lógica dualista, entre a vida religiosa e o protagonismo na vida secular, Malafaia convoca os crentes a atuarem:

O cristão deve cumprir seu papel de cidadão, posicionar-se na sociedade, no trabalho, diante dos amigos, da sua própria família, na faculdade e na escola. E esse posicionamento pode ocorrer de várias formas: em conversa informal, através das redes sociais, através das atitudes e também do testemunho. (*ibidem*)

Essa atuação na vida secular, a partir da construção das subjetividades políticas dos crentes pentecostais, Maurício Júnior (2019) vai chamar de atuação “crente-cidadão”, que não passa pela defesa de direitos cidadãos ou civis, mas pelo abandono do seccatarismo pentecostal do

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/radio/programas/352616-debate--toni-reis-e-silas-malafaia-discutem-a-criminalizacao-da-homofobia--25-06-->> acesso em 08 de novembro de 2020.

início do século XX, e a busca por espaço na vida secular, para “barrar o avanço das ameaças ao equilíbrio moral” (p. 101). Para tanto, o sentido triunfalista da teologia pentecostal, tanto no que diz respeito à batalha espiritual, quanto à TP e à Confissão Positiva, se torna importante para conquistar tais espaços; primeiro porque a participação secular acontece sempre em tom de debate e confronto, portanto a batalha espiritual contra as forças do mal que querem dominar a moralidade política se aplica como válida, e ademais, porque a TP e a CP se adequam a identidade religiosa brasileira, que é sincrética (MARIANO, 1999; SWATOWISKI, 2007), acomodando bem discursos não-religiosos. Os crentes pentecostais aprendem, assim, a assumir uma postura ativa na vida pública a partir da filiação religiosa; filiando-se a um ativismo conservador evangélico, transferindo a influência do campo religioso para o político. (MACHADO, 2012).

Maurício Júnior (2019) argumenta que os fiéis comuns recebem a “incumbência de se posicionarem” sobre assuntos seculares, por isso, sua pesquisa foi concentrada entre os jovens fiéis da ADEVEC na Penha, pensando a formação de suas subjetividades, entre cristãos e cidadãos, e a convocação de Silas Malafaia para que sejam os dois. “Os evangélicos ficaram alienados da vida social, como se fossem anjos, pensando q [sic] são exclusivamente espirituais. Acordamos, somos cidadãos.” (MALAFAIA<sup>13</sup>. *apud* MAURICIO JUNIOR, 2019,p. 99). A partir da análise da atuação e posicionamento dos fiéis da ADEVEC no espaço público, o autor apresenta seu conceito de crente-cidadão, que deve estar em todos os lugares, não apenas nos espaços religiosos, e não apenas pregando a Palavra, mas também se manifestando sobre assuntos seculares, se inserindo na política partidária, em associações e organizações civis, e não se furtando de debates onde quer que estejam.

Assim como o crente recebe a incumbência de ser um multiplicador da palavra, usando proselitismo em todos os espaços que ocupa, para obedecer, desse modo, a missão dada por Cristo no Evangelho de Marcos capítulo 16, versículo 15, de “pregar o evangelho a toda a criatura”<sup>14</sup>, o crente-cidadão, além de ser proselitista, também deve se posicionar acerca de temas sociais nos espaços que ocupa: trabalho, roda de amigos, universidade, etc. Na pesquisa de Maurício Júnior, a universidade aparece como um lugar especialmente importante, principalmente as universidades públicas, consideradas por parte dos evangélicos brasileiros, incluindo Silas Malafaia, como espaços de “doutrinação esquerdopata” onde os cristãos sofreriam preconceito por parte dos professores e demais estudantes, em particular os cristãos

<sup>13</sup> Silas Malafaia em sua conta no microblog *twitter*

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/acf/mc/16/15>> acesso em 17 de novembro de 2020.

pentecostais. Por conta de suas pautas, Malafaia é considerado, segundo afirma Maurício Júnior, um dos maiores adversários dos movimentos sociais de minorias no país, e, com isso, o pastor afirma que seus membros sofrem represálias e preconceito, e a universidade seria um ambiente hostil a quem comunga de suas ideias.

Vai lá na escola e diz que você é membro da igreja de Malafaia, vai lá. Abre a boca lá e fala. É isto o que vocês têm que mostrar: "Olha aqui, gente. Que democracia é essa que vocês querem que só porque eu sou contra a ideia de vocês eu sou massacrado?" (MALAFAIA, apud MAURÍCIO JÚNIOR, 2019, p. 112, 113).

Assim, o fiel é convocado a se posicionar, com a legitimidade dada pelo Estado Democrático de Direito, em todas as esferas, de acordo com sua ética religiosa e sua ideologia moral. O virtuosismo religioso passa a ser um pressuposto de cidadania ativa, já que o povo de Deus, em sua ideologia, é moralmente virtuoso, a transposição de tal virtude para a vida secular é, além de parte da defesa dos valores cristãos, dos preceitos evangélicos, também seria uma obrigação social, de moralizar uma sociedade corrompida por valores mundanos, de modo a alçar o crente a um lugar de superioridade moral (ROSA, 2020).

Deste modo, o legalismo que legitima a participação evangélica na vida secular é sempre lembrado, como na fala do pastor Malafaia acima citada, onde a democracia é chamada a validar o direito da divergência de ideias e da livre expressão. O mesmo ocorre quando existe alguma acusação de intolerância ou alguma tentativa por parte do Estado de regular questões relacionadas às minorias, como o já citado PL 122, que, tornando crime a homofobia, foi chamada de "lei da mordaza" por líderes evangélicos, em especial Malafaia, que argumentam que o PL seria um primeiro passo para obrigar líderes religiosos a celebrarem casamentos entre pessoas do mesmo sexo, ainda que não haja nenhum precedente legal para tal; e afirmam ainda, que a lei criminalizaria pregações doutrinárias contra o que Malafaia chama de "prática do homossexualismo".

[...] às acusações de teocratismo, de intromissão do religioso, os evangélicos retrucam com a obediência às regras do jogo democrático. [...] Quando são criticados pela sua intolerância, objetam que estão apenas manifestando a sua opinião. (GIUMBELLI, 2008, p. 90, 91)

Almeida (2017), afirma que o discurso pentecostal de "amar o homossexual, mas ter repulsa pelo homossexualismo" limita a diversidade moral, "um homossexual que visitar minha igreja não será maltratado; **fica um desafio**" (MALAFAIA, 2018, p. 81, grifo meu), dentro de uma conjuntura de crise social, mas também de crise moral e comportamental no país, potencializados pelas redes sociais, onde a polarização, não apenas política, mas moral pode

ser observada, quase sempre em torno das mesmas temáticas: direitos sexuais e reprodutivos, união homoafetiva, adoção de crianças por casais homoafetivos, redução da maioridade penal, armamento da população, e direitos de minorias de um modo mais amplo.

Vingança, fobia e ódio foram termos mobilizados para descrever os afetos gerados pela “onda conservadora”. Em 2015, sobretudo, quando diversos conflitos interpessoais, seja por intolerância religiosa ou política, protagonizaram o debate público. O termo vingança foi evocado no debate em torno do projeto da redução da maioridade penal, cuja legitimidade baseou-se demasiadamente na temperatura da opinião pública. A fobia foi o outro afeto nomeado quando se tratou de diversidade sexual e a discriminação de gênero. [...] A homossexualidade é considerada, por conseguinte “degeneração moral” de homens e mulheres, por conseguinte, a união afetiva entre pessoas do mesmo sexo não pode constituir-se como família. Por fim, o ódio foi outro afeto evocado para descrever a conjuntura atual, seja por meio de atos de intolerância religiosa [...] seja por atos políticos. (ALMEIDA, 2017, s/p)

Neste sentido, Malafaia tornou-se uma das vozes mais ativas do conservadorismo moral e religioso brasileiros, com a pretensa defesa da família tradicional, os avanços dos direitos das pessoas LGBTQI+ tonam-se alvos de reação afetiva, não apenas nos ataques ao que o pastor denomina como “ideologia de gênero”, mas também aos direitos das famílias homoafetivas no que diz respeito, por exemplo, à adoção. Em seu livro, Malafaia usa a Constituição e um artigo publicado por Mark Regnerus em 2012<sup>15</sup>, na *Social Science Research*, para basear seus argumentos. Sobre a constituição de família, Malafaia argumenta: “O Supremo Tribunal não tem autoridade para legislar, ele é o guardião da Constituição. Foi liberada a união estável entre homossexuais e lésbicas, mas não o casamento!” (MALAFAIA, 2018, p. 80). Assim, o pastor marca sua posição de que o casamento é um sacramento religioso, e dessa forma a união de casais homoafetivos não pode constituir casamento. Acerca da adoção de crianças por casais homoafetivos, Malafaia usa o artigo de Regnerus, além de mencionar “estudos anteriores” (p.81), sem citar as fontes, para trazer dados que parecem alarmantes:

Comparando as famílias heterossexuais com as famílias homossexuais, diz que os filhos das famílias homossexuais possuem um nível de escolaridade menor e têm mais propensão a sofrerem de depressão. Se forem “do sexo feminino, tiveram mais parceiros sexuais. Possuem quatro vezes mais possibilidade de atualmente necessitarem de assistência pública; são mais do que três vezes mais propensos a estarem desempregados.” (*ibidem*).

E vai além, relacionando homoafetividade à pedofilia, ainda citando o artigo de Regnerus:

Os filhos de casais homossexuais têm onze vezes mais chances de terem sido tocados sexualmente, na infância, por um dos pais ou outro adulto responsável. Eles possuem quatro vezes mais chances de terem sido forçados

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0049089X12000610>> acesso em 19 de novembro de 2020

a relações sexuais. A pesquisa também diz que crianças, quando criadas por pais homossexuais, sofrem em relação àquelas criadas por pais e mães casados e, também, em comparação às outras estruturas de família. As relações homossexuais são, em sua essência, instáveis. (*ibidem*).

Giumbelli argumenta que no Brasil, as vertentes religiosas que já foram consideradas “minorias”, não apenas numéricas, mas minorias sociais, hoje se comportam como maioria social, e a ocupação dos espaços públicos, em diferentes esferas sociais, o abandono da ascese, foram fundamentais para que, no caso dos evangélicos, particularmente os pentecostais, pudessem impor sua agenda de demandas para fora dos templos.

Em se tratando do Brasil, temos uma situação interessante, pois as “minorias” religiosas não se comportam da maneira esperada. Para ficar apenas no caso dos evangélicos: suas reivindicações recentes por “liberdade religiosa”, essas sim típicas de uma minoria, vêm seguidas de ações e estilos que insinuam um projeto de maioria. (idem, p. 96).

Malafaia também usa incansavelmente em suas redes sociais, programas de TV, livros e até mesmo pregações, o que se convencionou chamar “ideologia de gênero”, e mais uma vez usa argumentos supostamente sócio-históricos para justificar seu posicionamento:

É direito de cada cidadão ter o relacionamento sexual que desejar. No entanto, a luta do ativismo gay passou a ser ideológica. [...] A maioria está sendo submetida aos caprichos da minoria. [...] Que democracia e Estado são esses, onde a minoria infringe a maioria? [...] Presenciamos o avanço da ideologia de gênero. Os seus defensores dizem que temos que escolher aceitar a ideologia de gênero, que defende que ninguém nasce menino ou menina, masculino ou feminino. É através de certo convívio social que a criança poderá escolher o que vai ser. Eles têm de fazer uma escolha do que querem ser. A história da civilização humana está em jogo. Os direitos humanos e a proteção à vida vieram do modelo judaico-cristão. A sociedade ocidental é alicerçada nos seus costumes por esse modelo. Está é uma sociedade livre, e o cidadão tem direito de expor suas convicções políticas, baseadas em qualquer princípio, sejam ateístas ou não. (MALAFAIA, 2018, p. 80).

Fica claro, nos trechos acima citados, que em uma mesma página, Malafaia convoca a democracia e o Estado com objetivos opostos. Refere-se às minorias como ideológicas e impositivas, inclusive indo de encontro ao discurso do presidente Jair Bolsonaro<sup>16</sup>, e logo abaixo defende o direito da livre exposição de ideias, ainda que “ateias”.

Por suas falas polêmicas em relação à população LGBTQI+, Malafaia já teve problemas com a justiça. Em 2012 foi denunciado ao Ministério Público Federal, onde até mesmo a Band TV, onde seu programa é exibido, foi alvo do processo<sup>17</sup>. Contudo, essa não foi a única vez que

<sup>16</sup> Disponível em << [https://www.youtube.com/watch?v=X\\_z6Hakdw3A](https://www.youtube.com/watch?v=X_z6Hakdw3A)>> acesso em 17 de novembro de 2020.

<sup>17</sup> Disponível em << <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/pastor-silas-malafaia-e-processado-por-homofobia/>>> acesso em 17 de novembro de 2020.

o pastor teve problemas com a justiça por suas falas consideradas homofóbicas, a mais recente foi a acusação de transfobia contra o Thammy Miranda por sua participação em um comercial de dia dos pais<sup>18</sup>.

No ano de 2013 Malafaia foi entrevistado no extinto programa “De Frente com Gabi”, no SBT, apresentado por Marília Gabriela, no que pode-se considerar sua entrevista de maior repercussão nacional, não apenas pelo alcance do programa em TV aberta, mas pelas polêmicas levantadas pela entrevistadora e as respostas dadas pelo pastor. Após a exibição do programa, o CFP (Conselho Federal de Psicologia) emitiu nota repreendendo o pastor, que também é formado em Psicologia, pelo que foi considerado pelo Conselho como homofobia e incitação de ódio e violação dos direitos humanos<sup>19</sup>. A vida financeira do pastor também tomou parte importante da entrevista, já que naquele ano ele havia sido citado pela Revista Forbes como o terceiro pastor mais rico do Brasil, atrás apenas de Edir Macedo e Valdemiro Santiago<sup>20</sup>. Malafaia nega ter a fortuna publicada pela revista e levou ao programa suas declarações de Imposto de Renda, na tentativa de provar ter um patrimônio menor que o divulgado. No ano de 2020, acusando a “crise financeira causada pelo PT”, o pastor e sua esposa pediram recuperação judicial da Editora Central Gospel, um dos principais negócios da família, no valor de quase 16 milhões de reais, segundo a Folha de São Paulo, e o próprio Malafaia, que gravou vídeo explicando aos fiéis as razões do pedido de recuperação<sup>21</sup>. O acúmulo de dívidas da editora se divide entre fornecedores, dívidas trabalhistas, e demais credores.

A culpabilização do Partido dos Trabalhadores pelas mazelas sociais e econômicas do país é prática constante do pastor. Além de suas participações ativas contra o PL 122/2006 e da campanha de José Serra em 2010, no ano de 2014 foi forte opositor a candidatura à reeleição da presidenta Dilma Rousseff pelo PT, com alegações de que o povo evangélico precisa se posicionar contra o que ele considera serem ameaças à família, ao cristianismo e a moralidade cristã.

Apesar do PT não fazer abertamente a defesa de bandeiras como a descriminalização do aborto, e, apesar da autoria do PL 122, não ser o partido mais ativo em relação às causas das

<sup>18</sup> Disponível em << <https://revistahibrida.com.br/2020/08/03/malafaia-e-denunciado-ao-mp-por-transfobia-contrathammy-miranda/>>> acesso em 17 de novembro de 2020.

<sup>19</sup> Disponível em << <https://noticias.gospelmais.com.br/cfp-declaracoes-malafaia-homossexualidade-inquisicao-49506.html>>> acesso em 17 de novembro de 2020.

<sup>20</sup> Disponível em << <https://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil/?sh=74430e3a5b1e>>> acesso em 17 de novembro de 2020.

<sup>21</sup> Disponível em <<

peças LGBTQI+, Malafaia demonstra ter eleito os “petralhas” como inimigos, e faz declarações contra o comunismo e o que ele chama de “esquerdopatas”, de maneira a vincular todos a um mesmo grupo homogêneo, cujas figuras do presidente Lula e do PT são as maiores representantes. Quanto a isto, afirma Maurício Júnior (idem), o código de conduta pentecostal é fundamentalmente estabelecido na controvérsia e no peso do confronto, portanto, a cidadania política do crente e a constituição da subjetividade religiosa Pentecostal, passam pela ideia de batalha, desde a espiritual, quanto a secular.

Deparando-se com o dever de se posicionar politicamente, de barrar o avanço de grupos considerados ameaças ao equilíbrio moral da sociedade, ou ainda, diante do dever de serem protagonistas ‘em todos os lugares’, os evangélicos passaram a encarar novas demandas éticas informando sua constituição enquanto sujeito moral ideal. Dou o nome a esse fenômeno de constituição do crente-cidadão, no intuito de mostrar como a relação entre cidadania política e virtuosismo religioso estão imbricados no mesmo processo. (idem, p. 101).

Deste modo, estar em todos os lugares é político e cristão simultaneamente, não são coisas que se anulam, e é preciso que o crente esteja pronto a mostrar suas habilidades na esfera pública sempre que preciso. Porém Maurício Junior (2016) também afirma que para Malafaia existe uma hierarquia entre as coisas seculares e as coisas religiosas, e as religiosas estão acima. Ao demandar que o crente seja um sujeito espiritual, religioso e político (o que o autor chama de novo código moral pentecostal), Malafaia tenta dissociar a atuação cidadã do cristão apenas da política partidária, e sim como um cidadão em sua totalidade, agindo em diferentes frentes; porém é grande apoiador de candidaturas de sua denominação e da bancada evangélica.

### **3.2 - Eleições 2018**

Como já demonstrado, Silas Malafaia já se consolidou no debate público brasileiro como figura de influência, particularmente em setores mais conservadores da sociedade, ligados às igrejas pentecostais, mas também seculares, devido ao seu grande alcance midiático e a expansão de seus empreendimentos ao longo dos seus anos de carreira. Larissa de Oliveira César (2019) chama o pastor de “líder de opinião e influenciador digital”. O termo influenciador digital torna-se cada vez mais corriqueiro, com a expansão das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, todas elas utilizadas regularmente pelo pastor, que acumula milhares de seguidores, e atinge um público cada vez maior, para além da adesão de sua denominação e da audiência de seus programas televisivos, ou da compra de seus produtos.

Neste sentido, as eleições presidenciais de 2018 foram um marco no uso das redes sociais em campanhas eleitorais, assim como as eleições presidenciais estadunidenses de 2014,

as campanhas brasileiras foram fortemente marcadas pela disseminação de *fake news*<sup>22</sup>, que se espalharam em velocidade e quantidade nunca antes vistas, pela rapidez e facilidade do uso de aplicativos de mensagens como o *WhatsApp* e o imediatismo dos *tweets*, que segundo César é a rede mais usada pelo pastor Malafaia, principalmente no que diz respeito à disseminação de suas ideias políticas.

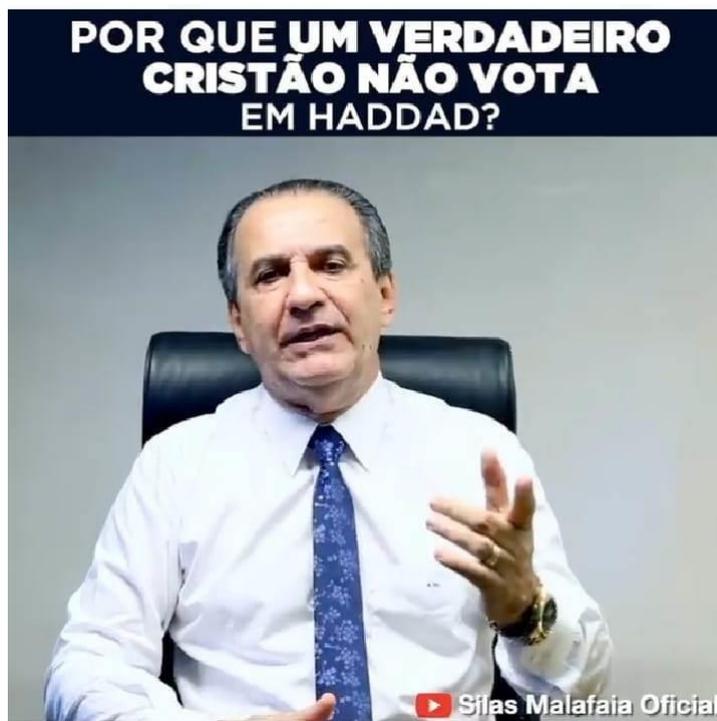


Figura 10: Instagram Silas Malafaia – 15 de outubro de 2018

Almeida (2017) relaciona as religiões com o que se convencionou chamar de crescimento de uma “onda conservadora no Brasil”, e, apesar de esclarecer que as forças chamadas de conservadoras não são homogêneas, e que um diagnóstico imediato sobre o levante de pautas moralistas e conservadoras pode ser precoce e impreciso, o autor afirma que “Consolidaram-se nos últimos anos forças que trabalham a favor da contenção, da restrição e do retrocesso de alguns direitos garantidos com a promulgação da Constituição de 1988.” Dentre essas forças, pode-se afirmar, em concordância com o autor, que os evangélicos, particularmente os que se articularam para a formação de uma bancada legislativa, fazem parte de tais forças da “onda conservadora”, e dentre eles Silas Malafaia se destacou no pleito de 2018 por seu apoio à candidatura de extrema direita do hoje presidente Jair Messias Bolsonaro. O ativismo religioso conservador, conforme afirma Maria das Dores Campos Machado (2012), após o envolvimento de alguns parlamentares declaradamente evangélicos em escândalos de

<sup>22</sup> Ver <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>> acesso em 19 de novembro de 2020.

corrupção no início dos anos 2000, substitui a retórica centrada no combate à corrupção por temas polêmicos como a despenalização do aborto e os direitos dos cidadãos LGBTQI+.

O uso das mídias sociais não foi a única ferramenta usada por Malafaia, como veremos adiante, porém sua interação com o público e seu uso massivo das redes, são um diferencial na abrangência de sua palavra. “ A mídia legitima a força política e vice-versa” (CÉSAR, 2019, p. 73). Desse modo, as ideias de Malafaia são amplificadas e disseminadas em meios que antes o pastor não conseguiria atingir, mesmo com seus programas televisivos. Segundo César, Malafaia prioriza as emoções em seu discurso, e procura mobilizar afetos como asco, para gerar aversão pública a quem ele considera seus inimigos, e também inimigos da igreja evangélica, do cristianismo e da família.

Entende-se que Silas Malafaia se enquadra nos conceitos de influenciador digital e de líder de opinião propostos, atuando nos meios de massa, nas mídias digitais e fora da mídia: no púlpito. Nessa lógica, admite-se a mídia como instituição hegemônica que atende à lógica de mercado e modifica a cognição dos sujeitos, facilitando a não reflexão. Esse processo aliado à perda de credibilidade das instituições tradicionais em uma conjuntura que opera a pós-verdade e captura da subjetivação das consciências pelo neopentecostalismo – em que a própria religião assume propósitos mercantis, facilita a rápida disseminação de ideias e pensamentos a partir das mídias digitais. (idem, p. 102).

Em 2015, quando as manifestações pelo impedimento da presidenta eleita em 2014, Dilma Rousseff, eclodiram pelo país, Malafaia foi presença constante, não apenas nos atos, mas na convocação das pessoas, além de usar suas redes sociais para atacar o então governo, com vídeos, textos e até mesmo memes. Com transmissões ao vivo, os atos pela destituição da presidenta Dilma tornaram-se o que Giumbelli (2008) chama de “espetáculos midiáticos”, que segundo ele são “o correspondente virtual da ocupação de espaços públicos bem concretos por multidões religiosamente mobilizadas” (p. 90). Não se pode afirmar, contudo, que as manifestações pró-golpe tenham sido atos religiosos em si, diversos setores da sociedade se mobilizaram em torno da derrubada do governo, mas não se pode ignorar a presença, e o protagonismo de atores evangélicos como crente-cidadãos.

Por conta de sua ação, o campo da política, definida estritamente, é incapaz de ignorar atualmente o fator “religioso”. A indicação e o apoio a candidaturas legislativas por parte de igrejas, a mobilização para a defesa de interesses supradenominacionais (casos das “frentes parlamentares”), a identificação com titulares de postos do Poder Executivo – são todos movimentos, ocorridos com sucesso e revezes, protagonizados pelos evangélicos que têm se dedicado ao uso da identidade religiosa como atributo eleitoral. (idem, p. 89, 90).

Giumbelli escreve em 2008, dez anos antes da eleição de Jair Bolsonaro, que fez uma

campanha abertamente confessional cristã, com slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, mobilizando simultaneamente forças supostamente patrióticas e cristãs. O autor menciona a identificação com “titulares dos postos do Poder Executivo”, já em 2008, porém, até 2014, com a candidatura de Pastor Everaldo à presidência da república, mesmo os candidatos que confessavam alguma fé, nunca haviam feito campanha abertamente confessional.

Malafaia, que chegou a fazer parte da frente de lideranças evangélicas que apoiou a primeira eleição de Luís Inácio Lula da Silva em 2002 (CÉSAR, 2019, p. 74), a despeito de ter escrito para a Folha Universal, como já mencionado anteriormente, sobre seu arrependimento ao apoio dado a Lula no segundo turno das eleições de 1989; passou a apoiar Marina Silva, candidata assembleiana e ex-petista, nas eleições de 2010, e chegou a condicionar seu apoio no primeiro turno das eleições de 2014 à mudança do plano de governo da candidata no que dizia respeito à descriminalização do aborto e do uso de maconha. (idem, p. 75, 76). A rivalidade com o Partido dos Trabalhadores fica marcada definitivamente a partir das mudanças feitas nas diretrizes do PNDH (Programa Nacional de Direitos Humanos), feito pelo governo Lula, bem como o lançamento da campanha “Brasil sem homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual”, em 2004, e pela proposição do PL 122/2006, já mencionado anteriormente. Assim, os “petralhas” e os “esquerdopatas” passam a fazer parte de uma mesma narrativa pejorativa, que usa inclusive o deboche (MAURÍCIO JÚNIOR, 2019) como recurso discursivo, que faz parte do repertório do pastor, que como também já foi demonstrado antes, é um homem verborrágico e de tom de fala elevado, que faz uso extensivo de linguagem coloquial. Também passa a atacar a laicidade do Estado “como subterfúgio para calar a voz dos evangélicos, deslegitimando a presença de cidadãos religiosos na esfera pública” (p. 109). Assim como Jair Bolsonaro, Malafaia usa do argumento de que o Estado é laico, mas o governo não<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Ver: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2020/09/o-estado-e-laico-mas-nosso-governo-e-cristao-diz-bolsonaro-no-twit.html>> acesso em 19 de novembro de 2020.

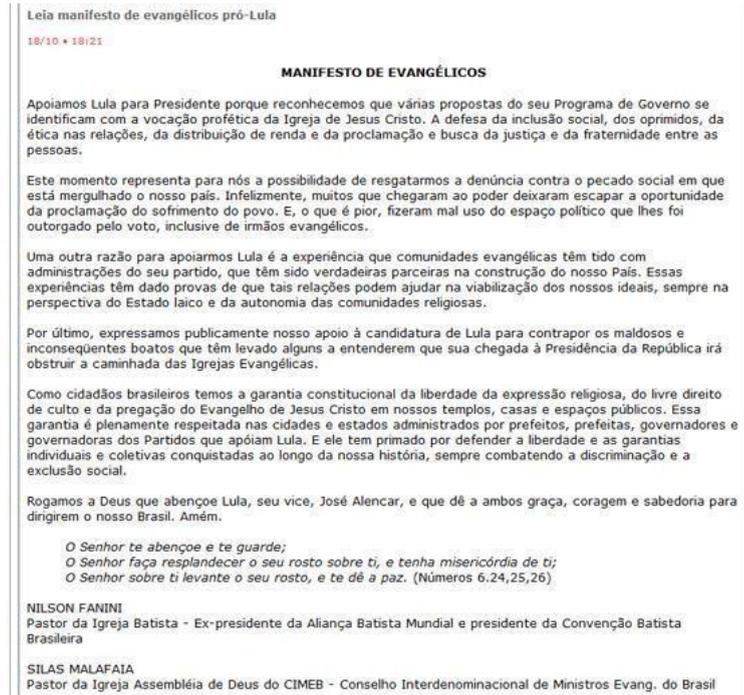


Figura 11: Imagem Divulgação



Figura 12: Imagem Divulgação

Sob o lema bíblico de que “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”, descrito no livro de Salmos capítulo 33, versículo 12, líderes evangélicos se engajaram na campanha presidencial de Bolsonaro, sob a justificativa de que o então candidato faria um governo cristão, defensor dos valores da família tradicional, que vai de encontro à ideia da cidadania cristã, que não deve ficar restrita à espera de ser um cidadão do céu, mas também de assumir uma posição na

cidadania da terra. (idem). Mas não basta apenas o domínio do religioso, segundo Maurício Júnior, é preciso reconhecer a hierarquia que existe entre o argumento bíblico e o político na esfera pública. “Ainda que o sujeito religioso e o sujeito político sejam re-agregados no crente-cidadão, é preciso reconhecer que o argumento bíblico é marginal, considerando a economia moral da esfera pública.” (p. 124). Por isso o crente-cidadão precisa aprender a operar fora da esfera religiosa, mesmo que sua virtude seja delineada na moral pentecostal, é necessário ter propriedade de argumentação sobre os assuntos seculares, para demonstrar que a moral pentecostal não é um demérito para o crente-cidadão, mas uma virtude social, além de religiosa.

Para isto, Malafaia defende que os crentes estejam preparados com conhecimento secular, para estarem preparados para o embate argumentativo com atores não religiosos, e assumir o risco de ser crente e cidadão simultaneamente:

Podemos dizer que, além da oração, da leitura da Palavra, da busca pela direção de Deus, possuímos muitas armas para combater os ataques à família tradicional. Uma delas é a informação. O povo de Deus precisa informar-se sobre o que estão tentando fazer contra a família, identificando ideologias equivocadas, que distorcem a Palavra de Deus. [...] E esse posicionamento pode ocorrer de várias formas: em uma conversa informal, através das redes sociais, através de atitudes e também de testemunho. (MALAFAIA, 2018, p. 82).

Não por acaso a busca pelo uso de argumentos pretensamente científicos e seculares para embasar suas ideias, dando assim uma falsa ideia de episteme (CÉSAR, 2019). “Eu não debato tema polêmico usando religião. Eu uso a ciência, a biologia, a medicina, por isso não conseguem me contestar.” (MALAFAIA in, Pinheiro, 2011). Afirmando ter sido levantado por Deus para os maiores desafios da fé e da defesa dos valores cristãos, atuando de forma ampla e diversificada, “voz profética e apologética levantada por Deus no meio evangélico do meu país” (MALAFAIA, 2018, p. 09).

Como futuro cidadão do Céu, você tem de, primeiro, estabelecer o Reino de Deus aqui na Terra. E aqueles que ainda não garantiram sua cidadania no Céu, e só tratam de assuntos encravados nos interesses da Terra, podem conquistar essa cidadania através de um encontro de salvação com Jesus. Fui entrevistado em territórios neutros, mas também estive em debates sentindo-me cercado por leões sanguinários e devoradores, e fiz pronunciamentos em ambientes políticos sentindo-me um pequeno Davi diante de gigantes Golias. Mas, Deus, pelo seu infinito amor, fez-me triunfar em todas as ocasiões. (idem, p. 10).

Apesar de Cristo, segundo os evangelhos, ter negado o reino da terra, afirmando que seu reino estava no céu “Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu

reino não é daqui.” (BÍBLIA SAGRADA, João, 18:36<sup>24</sup>), líderes como Malafaia defendem que o Reino de Deus deve ser estabelecido na terra, conforme trecho acima citado; e a derrubada da presidenta Dilma, do PT e dos “erquerdopatas”, seguidas da eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, seriam, segundo essa lógica, os propósitos de Deus se cumprindo.

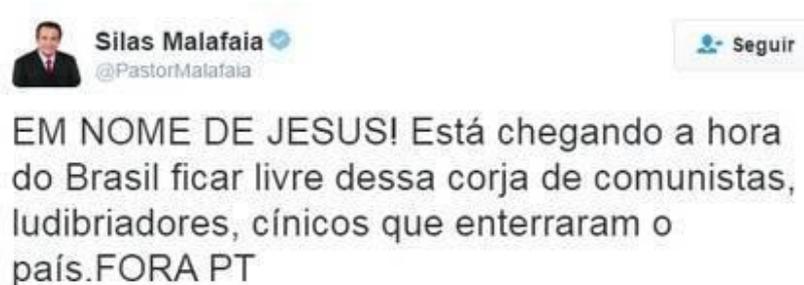


Figura 13: Twitter Silas Malafai – 11 de maio de 2016

A chamada bancada evangélica, segundo César (2019), demonstrando profundo despreparo político e argumentativo no dia da votação pelo prosseguimento do processo de impedimento da presidenta Dilma Rousseff, visível na falta de argumentação política para a motivação do posicionamento, votaram em massa (precisamente 93,8%) a favor do golpe, com menções à família e a Deus. Jair Bolsonaro, por sua vez, fez menção ao General Carlos Alberto Brilhante Ustra, conhecido por sua atuação como torturador durante a ditadura civil-militar brasileira, tendo torturado inclusive, a então presa política, Dilma Vana Rousseff.

O apoio a um torturador por parte do então deputado federal, não é mencionado ou problematizado por sua base de apoio evangélica, que celebra a vida, sacrifício e ressurreição do Messias torturado pelo império romano, segundo narra a Bíblia. A ruptura moral (MAURÍCIO JÚNIOR, 2019; ALMEIDA 2017) que permite o alinhamento dos evangélicos a forças conservadoras, somada ao descrédito da política partidária tradicional, as crescentes denúncias de corrupção a eclosão da Operação Lava-Jato (CÉSAR, 2019), com sua incessante cobertura midiática feita sobre os atores envolvidos<sup>25</sup>, desgastando figuras políticas consolidadas no cenário nacional, trouxeram à tona a possibilidade da eleição de um político considerado até então de baixo clero, exercendo mandatos desde o início da década de 1990, quando foi reformado do Exército Brasileiro por ocasião de um processo disciplinar sob a acusação de tentar plantar uma bomba em um quartel, para reivindicar aumento salarial<sup>26</sup>.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/18/36>> acesso em 19 de novembro de 2020.

<sup>25</sup> Para saber mais: <<https://theintercept.com/2018/10/29/lava-jato-imprensa-entrevista-assessora/>> acesso em 19 de novembro de 2020.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/lucio-vaz/inocente-culpado-30-anos-julgamento-que-pos-fim-carreira-militar-bolsonaro/>> acesso em 19 de novembro de 2020.

Apesar de ser declarado cristão católico, foi batizado nas águas do rio Jordão, mesmo lugar que Jesus Cristo foi batizado por João Batista, como afirma a Bíblia<sup>27</sup>, pelo ex-candidato à presidência da República Pastor Everaldo, na mesma época em que ocorria em Brasília a votação pelo impedimento de Dilma Rousseff, ato que foi considerado por muitos como o início de sua campanha presidencial (CÉSAR, 2019). O batismo nas águas não é uma prática católica, e sim de parte das igrejas protestantes, inclusive das pentecostais e neopentecostais; fazendo com que o ato praticado por Bolsonaro fosse entendido por uma parcela deste público como conversão ao pentecostalismo. Porém, Bolsonaro segue declarando-se católico, apesar de visitar regularmente igrejas evangélicas em companhia de sua esposa.

Apesar de exercer cargos eletivos há mais de duas décadas, Bolsonaro se tornou conhecido do grande público a partir da expansão das redes sociais, além de suas constantes aparições, sempre com falas polêmicas, em programas de TV como o extinto CQC, da Band TV, e sua entrevista à Luciana Gimenez, na RedeTV!. Com as redes sociais em alta, as falas do então deputado se espalhavam com rapidez, tendo como centro de seus assuntos pautas morais muito próximas às defendidas por Silas Malafaia, além de suas falas peculiares sobre segurança pública e corrupção. Com relação pessoal já estabelecida com Bolsonaro, a quem Malafaia chama de amigo pessoal, César (2019) afirma que para a campanha de 2018, o pastor foi o maior mediador entre o candidato e o público evangélico, pois, mesmo afirmando que nenhum pastor é dono do voto dos fieis, Malafaia diz influenciar o máximo que pode, e chegou a veicular em suas redes sociais quais seriam seus votos, com os respectivos números dos candidatos, suas fotos, como se fosse uma “cola” para o dia das eleições.

A atual primeira-dama do Brasil, Michelle Bolsonaro, já foi membro da ADVEC, igreja presidida por Malafaia. Atualmente Michelle é membro da Igreja Batista Atitude, na Barra da Tijuca, do pastor Josué Valandro, outro conhecido apoiador de Bolsonaro. No ano de 2013, Malafaia celebrou o casamento de Michelle e Bolsonaro no Rio de Janeiro. O casal já vivia junto e tinha uma filha, Laura, então com dois anos, o que não é permitido pela moral pentecostal, a união deve ser oficializada pelo Estado de forma civil e pela igreja de forma religiosa.

Também, segundo César, nos entornos de sua igreja de Malafaia no bairro da Penha, foram distribuídos “santinhos” com os mesmos candidatos, e todos os assinantes de suas empresas receberam e-mail de mala direta com os pedidos de voto do pastor. Na contramão dos apoiadores de Bolsonaro, contudo, Malafaia apoiou Eduardo Paes para o governo do estado do

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/enquanto-votacao-do-impeachment-acontecia-bolsonaro-era-batizado-em-israel-19287802.html>> acesso em 19 de novembro de 2020.

Rio, minimizando seu envolvimento em denúncias de corrupção, ainda que esse tema seja um dos mais relevantes de sua militância.

O outro candidato, ex-juiz, também é amigo de gente ligada a Sérgio Cabral. Esse não é o viés para decidir seu voto. O viés é: quem tem competência, quem está preparado. Ou você vai votar em alguém que vai mudar a história desse estado porque tem uma prova como prefeito, ou então você vai apostar numa aventura. [...] Ou nós vamos ter um cara um cara experiente, que há dois anos deixou a prefeitura e até agora não foi processado, ou você vai apostar numa aventura. (JORNAL DO BRASIL, 25 de outubro de 2018<sup>28</sup>).

Momento marcante da campanha de Bolsonaro foi sua participação na Marcha para Jesus de São Paulo, no ano de 2018. Em 2015, a convite do pastor Malafaia, Bolsonaro já havia participado da Marcha no Rio. Já nas vésperas do segundo turno, o pastor foi o convidado do quadro “Pra quem você tira o chapéu”, do Programa Raul Gil, no SBT, onde tirou o chapéu para figuras importantes para a deposição da presidenta Dilma, como Janaína Paschoal, e para figuras ligadas a Bolsonaro, como o ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro, além do presidente estadunidense Donald Trump. Malafaia não tirou o chapéu para os petistas Lula e Dilma, e para sua antiga aliada, Marina Silva.

O apoio a Bolsonaro também ficou marcado por visita do pastor logo após o atentado sofrido pelo então candidato na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, em uma de suas agendas de campanha. Malafaia foi um dos primeiros a visitar Bolsonaro no hospital, e registrou em suas redes sociais o encontro com o candidato, mostrou as cicatrizes da cirurgia, a bolsa de colostomia, faz orações e declara seu apoio ao capitão reformado.



Figura 14: Instagram Silas Malafaia – 07 de setembro de 2018.

<sup>28</sup> Disponível em: << [https://www.jb.com.br/rio/eleicoes\\_2018/2018/10/950594-malafaia-defende-voto-em-eduardo-paes-no-programa-eleitoral.html](https://www.jb.com.br/rio/eleicoes_2018/2018/10/950594-malafaia-defende-voto-em-eduardo-paes-no-programa-eleitoral.html)>> acesso em 21 de novembro de 2020.



Figura 15: Revista Forum 08 de setembro de 2018.

Com a vitória de Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições, Malafaia o recebeu no altar de sua igreja, no primeiro compromisso público do presidente eleito, e faz um discurso bastante peculiar, com a escolha de um trecho bíblico da primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, em que afirma, entre outras coisas, que “Deus escolheu as coisas loucas, para confundir as sábias. Deus escolheu as coisas fracas, para confundir as fortes. [...] É por isso que Deus te escolheu.”<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kslj3BU1bnA>> acesso em 19 de novembro de 2020.

## CONCLUSÃO

As questões que levaram ao início desta pesquisa se localizam em torno do esforço em compreender o crescimento do protagonismo evangélico na política eleitoral brasileira, e, de que maneira um pastor, que nunca ocupou um cargo eletivo, opera fora da esfera religiosa de forma tão significativa, tornando-se figura proeminente no debate público nacional. A trajetória de Silas Malafaia torna-se, deste modo, maior do que ela mesma, e toma contornos que nos auxiliam na compreensão dos campos político e religioso no país.

Partindo desta tentativa, a de compreender a legitimidade de agentes religiosos na esfera pública brasileira, a partir da trajetória de vida do pastor Malafaia, que é presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que, segundo ele mesmo, possui “mais de 100 templos” e “mais de 50 mil membros” (MALAFAIA, 2018, p. 67), com sede no bairro da Penha, no Rio de Janeiro, com capacidade para “mais de seis mil pessoas sentadas” (*idem*, 68); que se coloca, ao longo dos anos, cada vez mais extensivamente no espaço público brasileiro, foi possível estabelecer as complexas relações entre os campos religioso e político, e dar um importante passo na tentativa de compreensão do cenário político contemporâneo.

Assim, é possível concluir que esta dissertação não oferece respostas objetivas acerca da atuação, nem de Malafaia, nem dos pentecostais de forma mais ampla, na política brasileira, pois esta não era a pretensão ao se iniciar esta pesquisa, mas acredita-se que as páginas acima contribuem para a percepção de configurações políticas e sociais em constante transformação, onde a interferência religiosa se evidencia de forma perceptível na política eleitoral, em especial com a eleição para a presidência de Jair Bolsonaro em 2018, com uma campanha abertamente confessional cristã. Percorreu-se neste trabalho, através dos fatos considerados mais relevantes na vida do agente aqui analisado, um caminho que se cruza com os caminhos da política brasileira, e do crescimento da atuação do crente-cidadão, levando para a esfera pública características e valores de sua fé confessional.

Parece inegável o papel protagonista dos evangélicos na política partidária, não apenas com a atuação de sua bancada parlamentar, mas também com apoio a candidatos vitoriosos em campanhas para o executivo, sendo a mais expressiva delas a que alçou Bolsonaro ao maior cargo desta República. Foi o desejo de compreender a ação política desses agentes que moveu os esforços para a realização deste trabalho, e ainda que não haja aqui uma resposta definitiva, acredita-se que a dissertação cumpre seu papel no fomento da análise.

Lançando mão de argumentos de liberdade religiosa, agentes como Silas Malafaia

posicionam-se de forma incisiva no debate público, e exercem influência sobre um público cada vez maior, atingido pela inclusão digital, que apesar de estar longe de ser um fato consolidado no Brasil, é inegável o aumento do uso de redes sociais pela população de diferentes camadas econômicas, além da contínua presença na televisão, no rádio e em demais mídias tradicionais, não apenas com programas próprios, mas em entrevistas concedidas justamente para tratar de temas que vão além da esfera religiosa, “com ampla e diversificada atuação [...] na TV, da Rádio e do Congresso Nacional [...] que estabeleceram minha trajetória temática como voz profética e apologética”. (idem, p. 09).

Ele deu-me um programa de televisão que alcança hoje todo o Brasil. Deu-me condições de estudar Sua Palavra com profundidade, abriu-me janelas e portas de entendimento da Bíblia, presenteou-me com uma memória privilegiada e conduziu-me para o meio dos mais desafiadores debates em defesa da fé e dos valores cristãos. (*ibidem*)

Adepto da Confissão Positiva e da Teologia da Prosperidade, Malafaia não mede palavras ao falar de suas características que ele mesmo considera como virtudes, como também não mede as palavras ao fazer críticas aos seus rivais. “Defendo minhas teses com muita energia, porque creio naquilo que estou afirmando. [...] Acho que de vez em quando, eu sou chato. De vez em quando sou muito duro e questiono as coisas.” (p. 201, 205). Fazendo uso de um código gramatical ajustado às temáticas que levanta, passa a ideia de cientificidade no discurso, inclusive citando áreas do conhecimento, como Biologia, Genética, entre outras, para demonstrar seus pontos de vista de forma a parecer válido na esfera pública, mas como pentecostal, não deixa de lado a necessidade de afirmar ser cheio do Espírito Santo (MAURÍCIO JÚNIOR, 2019).

Este trabalho também demonstrou que a atuação evangélica na política partidária brasileira não é recente, e não é necessariamente alinhada às ideologias de direita, mas que o crescimento dessa circulação de agentes religiosos na política eleitoral é inegavelmente maior após a reabertura política no país, após duas décadas de ditadura civil-militar, onde as pautas mais conservadoras passaram a serem defendidas de maneira supradenominacional, com a formação de uma bancada evangélica, onde a atuação dos pentecostais se destaca. Segundo Wanderley Pereira Rosa (2020), tal atuação acontece de forma fisiológica e nepotista, usando a ideia de superioridade moral do cristão em relação aos políticos seculares. Com espiritualidade moralista, individualista e interiorizada, os crentes conseguiram e conseguem se articular para eleger seus pares. Foi desta maneira que conseguiram que o nome de Deus fosse inserido na Constituição de 1988.

Exercendo uma religiosidade da vida diária (WEBER, 2015), deixando de rivalizar a política e a religião, e, pelo contrário, incentivando a participação de agentes religiosos na esfera política, demonstrando na prática os interesses religiosos de poder, com uso racional e extensivo dos meios de comunicação de massa e das redes sociais, foi possível concluir, com a contribuição que esta dissertação aspira trazer para o campo da Sociologia da Religião, a relevância da trajetória de Silas Malafaia, não como um tipo ideal de crente-cidadão, mas como agente ativo da história, que pode auxiliar a compreensão do religioso e do político no país. É notável que sua atuação ainda não está esgotada, e que sua atuação e presença na vida pública devem continuar a serem examinadas, por diferentes perspectivas, pois, nas palavras do próprio pastor “Enquanto ele estiver no mundo, a batalha continua.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ronaldo. **A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade**. In: F. Teixeira e R. Menezes (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A universalização do Reino de Deus**. Dissertação de Mestrado. IFCH/Unicamp. Campinas: 1996.
- \_\_\_\_\_. **Religião na metrópole paulista**. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Edusc ANPOCS, v19, n56, out. 2004.
- \_\_\_\_\_. **A igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo**. In: *Dossiê Conservadorismo, Direitos, Moralidades e Violência*. Cadernos Pagu (50), 2017.
- ARENARI, Brand. **América Latina, pentecostalismo e capitalismo periférico. Aproximações teóricas para além do culturalismo**. In: *Civitas*, v. 15, n.3, p. 514 – 527, jul – set. Porto Alegre: 2015.
- BARBIERI JUNIOR, Walter. **A Troca Racional com Deus: A Teologia da Prosperidade praticada pela Igreja Universal do Reino de Deus analisada pela perspectiva da Teoria da Escolha Racional**. Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Trad. Glória Rodriguez, Luiz Alberto Monjardim, Maria Magalhães e Maria Carlota Gomes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. p. 183 – 191.
- BRANDÃO, Mateus de Fátima. **Uma análise da Teologia da Prosperidade no discurso religioso do pastor Silas Malafaia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2018
- BURITY, Joanildo A. **Religião, política e cultura**. In: *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 20, nº. 2, nov./2008.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendedorismo neopentecostal**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997
- \_\_\_\_\_. **Os políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil**. GT Religião e Sociedade, XXVI ANPOCS, Caxambu: 2002.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; MAURÍCIO JUNIOR, Cleonardo. **As formas elementares da liderança carismática: o verbo e a magnética na circulação do carisma pentecostal.** In MANA, Rio de Janeiro, 19(2): 249 – 276: 2013.

\_\_\_\_\_. **O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal.** In Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 54 n°2: 1013 – 1049: 2011.

CÉSAR, Larissa de Oliveira. **Pastor Silas Malafaia nas eleições 2018: O uso estratégico do twitter como palanque no cotidiano midiaticado.** IACS/UFF, PPGMC, Niterói: 2019.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERRAZ, Sarah Menoya. **Discurso e Argumentação no Programa Televisivo *Vitória em Cristo, de Silas Malafaia.*** Dissertação de Mestrado, São Carlos: 2014.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment.** Campinas: Unicamp, 1993a, tese de doutoramento.

GIUMBELLI, Emerson. **Religião, Estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios.** In: Estudos Avançados, 18(52), 2004.

\_\_\_\_\_. **A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil.** IN: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 28(2): 80 – 101, 2008.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **O estudo de trajetórias nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas.** In: Artigos, Campos 12(1): 9 – 29, UFPR, 2011.

KOREN, Jonas Christmann. **Ministério Silas Malafaia: Evangelizando à direita (2000 – 2013).** Dissertação de Mestrado. PPGH/UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon: 2016.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **“Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.** In: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 27(1): 2007.

\_\_\_\_\_. **Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.** In: Mana 16(2): 2010.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Religião, Cultura e Política.** In: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pesquisas com líderes religiosos: Questões ética e metodológicas.** In: Estud. sociol. Araraquara v.18 n.34 p.39-56 jan.-jun. 2013

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Cláudia; SAMPAIO, Camila. **O projeto pastoral de Edir Macedo: Uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?** In: RBCS Vol. 27 n°. 78 Fevereiro/2012.

MALAFAIA, Silas. **Silas Malafaia em foco: o que pensa o pastor mais polêmico do Brasil sobre os mais importantes temas da atualidade**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2018.

\_\_\_\_\_.; COSTA, Jefferson Magno. **Minhas experiências de vida**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2012.

MARIANO, Ricardo. **Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. In Estudos Avançados 18(52): 121 – 138: 2004.

\_\_\_\_\_. **Os Neopentecostais e a Teoria da Prosperidade** in Novos Estudos, nº 44, mar., SP: Cebrap: 1996.

\_\_\_\_\_. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos**. In: Revista de Estudos da Religião, PUC-SP, pp 68 – 95, dezembro de 2008.

MARIZ, Cecília Loreto. **Ação social de pentecostais e da renovação carismática católica no Brasil: o discurso de seus líderes**. In: RBCS Vol. 31 nº 92 outubro/2016.

\_\_\_\_\_. **A Teologia da Batalha Espiritual: uma revisão bibliográfica**. In: BIB, Rio de Janeiro, n.º 47,1,º semestre de 1999, pp. 33-4

MAURÍCIO JÚNIOR, Cleonardo. **Revisando o conceito de carisma: líderes pentecostais, entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação à performance**. In Revista Todavia, Ano 2, nº. 2, jul. 2011.

\_\_\_\_\_. **A constituição do crente-cidadão: as sensibilidades políticas dos fiéis pentecostais e a disputa pela laicidade**. SPG28 Religião, política e direitos humanos, 40º Encontro Anual da ANPOCS: 2016.

\_\_\_\_\_. **“Acordamos, somos cidadãos”: os evangélicos e a constituição ética de si na relação com o político**. In: Revista Antropológicas. Ano 23, 30(1): 99-135, 2019.

ORO, Ari Pedro. **A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros**. In RBCS, Vol. 18 nº 53: 53 – 176: 2003.

\_\_\_\_\_. **A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus**. In: Debates do NER, Porto Alegre, Ano 6, nº. 7. Jan./Jun. 2005.

\_\_\_\_\_. **O Neopentecostalismo Macumbeiro** in Revista USP, nº 68, dezembro/fevereiro, São Paulo: USP: 2005-2006.

PICANÇO, Monise Fernandes. **O poder da solução. A construção do mercado de literatura de autoajuda (voltada a negócios)**. Dissertação de Mestrado. PPGS/USP. São Paulo: 2013.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos de um conceito.** São Paulo: Editora 34, 2003.

PINHEIRO, Daniela. **Vitória em Cristo: Com uma leitura singular da Bíblia, o pastor Silas Malafaia ataca feministas, homossexuais e esquerdistas enquanto prega que é dando muito que se recebe ainda mais.** Anais da Religião, Revista Piauí, Edição 60, Setembro de 2011, disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vitoria-em-cristo/>> acesso em 29 de outubro de 2020.

PREUSS, Larissa Pothin. **As telereleções no espaço público: O programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar evangelização e pregação política.** USP, 2015.

ROSA, Wanderley Pereira. **Pentecostais na Política Brasileira na Era da Constituinte de 1988 e seus desdobramentos.** In: ANPUH, ano XIII, n37, maio/agosto, 2020.

RELIGIÃO E SOCIEDADE, Editorial. **As encruzilhadas da laicidade na América Latina.** Rio de Janeiro, 38(2): 1 – 340, 2018.

SANT'ANA, Raquel. **O som da marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus.** In: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 34(2): 210-231, 2014

SOARES, Luiz Eduardo. **Revoluções no campo religioso.** In: Novos Estud. CEBRAP. V.38, n01, 85 – 107, São Paulo: jan – abri, 2019.

SOUZA, Gideane Moraes de. **Silas Malafaia: Seus desejos e modelos. Um estudo a partir da teoria do desejo mimético de René Girard.** Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: 2016.

SILVA, Dalexon Sérgio da; EFKEN, Karl Heinz; AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves de. **Uma análise das formações discursivas do discurso dos membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.** In: Revista Trama, Vol. 11, n°. 22, 2º semestre de 2015.

SMIDERLE, Carlos Augusto Sarmet Moreira. **Entre Babel e Pentecostes: cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo.** In Religião e Sociedade, Rio de Janeiro: 31(2): 78 – 104, 2011.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. 2007. **Textos e contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo.** In Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 27(1): 114 – 131.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Vol. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009 reimpressão.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sociologia das Religiões.** São Paulo: Ícone Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. **The Sociology of Religion.** Boston: Beacon Press, 1992.

\_\_\_\_\_ . **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.